

VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 48 – dez. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

EDUCAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO FAMILIAR E OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CRISTÃ NA MODERNIDADE

*Esp. Milton Roberto Martins Sales
Dra. Sandra de Fátima Krüger Gusso*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

EDUCAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO FAMILIAR E OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CRISTÃ NA MODERNIDADE

CHRISTIAN EDUCATION IN THE FAMILY CONTEXT AND THE
CHALLENGES OF THE CHRISTIAN FAMILY IN MODERNITY

*Esp. Milton Roberto Martins Sales¹
Dra. Sandra de Fátima Krüger Gusso²*

-
- 1 Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA), Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Maria Montessori (FAMEC), especialista em Comunicação Corporativa pela Faculdade da Grande Fortaleza (FGF), especialista em Gestão Pedagógica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). E-mail: miltonroberto@gmail.com
 - 2 Graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1995), graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (2008), Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais (PUCPR), Especialização em Fundamentos do Ensino da Arte (FAP) - Faculdade de Artes do Paraná, Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2001) e Doutorado em Teologia com ênfase em Educação e Religião pela Escola Superior de Teologia (EST) em 2016. E-mail: sandragusso@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca delimitar através de uma revisão bibliográfica qual o impacto do ambiente familiar na promoção da Educação Religiosa Cristã. A partir do questionamento da real relevância da família na educação, foi realizado um levantamento histórico de como a Bíblia retrata essa influência, levando em consideração o período patriarcal, sacerdotal, profético e pós exílico, chegando na pessoa do apóstolo Paulo e de como a família é retratada por ele. Os resultados indicam que, apesar das diversas transformações nos modelos educacionais ao longo da história, a família permanece no centro da Educação Religiosa Cristã. A constatação principal é que Deus atribuiu à família a nobre responsabilidade de ser o principal agente formador nesse contexto. Isso ressalta a continuidade da importância do ambiente familiar na transmissão de valores, crenças e perspectivas religiosas. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica entre a família e a formação religiosa, destacando a centralidade desse ambiente principalmente na reafirmação de valores cristãos e éticos, frente ao secularismo do século XXI, ratificando a importância da Educação Religiosa Cristã como ferramenta de defesa da fé, frente a desafios da modernidade.

Palavras-chave: Educação. Religião. Família.

ABSTRATCT

This article seeks to define, through a bibliographical review, the impact of the family environment on the promotion of Christian Religious Education. From the questioning of the real relevance of the family in education, a historical survey was carried out of how the Bible portrays this influence, taking into account the patriarchal, priestly, prophetic and post-exilic periods,

reaching the person of the apostle Paul and how the family is portrayed by him. The results indicate that, despite the various transformations in educational models throughout history, the family remains at the center of Christian Religious Education. The main finding is that God gave the family the noble responsibility of being the main formative agent in this context. This highlights the continued importance of the family environment in the transmission of values, beliefs and religious perspectives. This study contributes to the understanding of the dynamics between the family and religious formation, highlighting the centrality of this environment mainly in the reaffirmation of Christian and ethical values, in the face of secularism in the 21st century, ratifying the importance of Christian Religious Education as a tool for defending the faith, facing the challenges of modernity.

Keywords: Education. Religion. Family.

INTRODUÇÃO

A educação é base para o desenvolvimento de qualquer sociedade, em qualquer momento da história. No âmbito da educação religiosa, essa importância se destaca ainda mais, devido aos valores fundamentais encontrados na Bíblia, que servem até como base para legislação de diversos países globalmente. Nesse contexto, surge o questionamento de quais estruturas sustentam a transmissão desses valores educacionais.

A importância da Bíblia na formação da sociedade é evidente, assim como o papel crucial da família como elemento estrutural contemporâneo. Diante dessas considerações, surge a seguinte indagação: Qual é a relevância da família na Educação Bíblica Religiosa?

Atualmente a família tem assumido alguma responsabilidade nos resultados da educação? Pais e Mães acreditam que ajudam a Escola e/ou Igreja nesse processo? Muitos podem

considerar que sua função principal é motivar os filhos a se dedicarem ao processo educacional. Alguns podem se ver como provedores financeiros, assegurando os recursos necessários para a educação dos filhos. Outros podem adotar o papel de fiscalizadores, acompanhando de perto o desempenho acadêmico para garantir que seus filhos levem os estudos a sério. Apesar da relevância desses aspectos, a responsabilidade da família se resume a isso? Os pais devem apenas criar um ambiente propício para a aprendizagem, ou também têm a obrigação de ensinar diretamente aos seus filhos?

A partir dessa questão, surgiu o interesse em analisar a influência da educação religiosa ao longo da história, definir o conceito de Educação Religiosa Cristã e avaliar seu papel na formação sociocultural. Essa análise será conduzida sob a perspectiva da relevância da família nesse processo. A Nova Versão Internacional (NVI) foi a versão bíblica adotada em todo o estudo.

O presente estudo tem como objetivo analisar a possível influência da Educação Religiosa Cristã na formação espiritual, moral e ética das famílias, bem como avaliar seu potencial impacto na sociedade. Este exame torna-se relevante, especialmente considerando que a Bíblia continua sendo um dos livros mais vendidos mundialmente, porém apesar disso, a realidade é uma sociedade que cada vez mais se distancia de seus principais valores. Também é possível observar uma crescente relativização da estrutura familiar, tornando os lares disfuncionais uma constante.

Esta pesquisa aborda a responsabilidade central da família na educação, especialmente na Educação Bíblica. Apesar do papel importante desempenhado por outras instituições, como escolas convencionais, igrejas e outras entidades educacionais, a família é o principal agente educacional, com essas outras organizações desempenhando funções de apoio no processo. Nesse contexto, é crucial explorar estratégias que aprimorem a eficácia

dessa forma de educação, possibilitando sua capacidade de impactar positivamente o indivíduo envolvido.

1. IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

A Educação Religiosa assume um lugar de destaque no âmbito educacional, desempenhando um papel significativo na formação integral do indivíduo. Sua relevância repousa na habilidade de promover a compreensão das dimensões espirituais e éticas da existência humana, além de contribuir para a edificação de valores, crenças e princípios que orientam a conduta e a tomada de decisões dos membros da comunidade em sociedade. A seguir, serão abordadas sua relevância ao longo da história e sua influência na formação da sociedade.

96

1.1 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ RELIGIOSA

A etimologia da palavra “educação” remonta ao latim, derivando do termo *educare*. Estritamente falando, sua origem linguística sugere a ideia de “Conduzir para fora”. Sob essa perspectiva, a educação é compreendida como um processo deliberado e contínuo, cujo propósito reside na promoção de mudanças efetivas no indivíduo. No contexto da educação religiosa cristã, é indispensável considerar a orientação do apóstolo Paulo a Timóteo, seu discípulo na fé, como um alicerce fundamental para a compreensão e prática dessa forma específica de educação:

Ao servo do Senhor não convém brigar, mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade, para que assim voltem à sobriedade e escapem da armadilha do diabo,

que os aprisionou para fazerem a sua vontade (2Tm 2.24-26, NVI).

É imperativo salientar que o ato de ensinar transcende a mera concepção de uma transmissão de conhecimento distante e descompromissada com o propósito último da educação. Educar constitui um processo que vai além da simples transmissão de conhecimento, conforme argumentado por Antônio Silva:

No seu exato conceito, ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas, primeiro promover aprendizagem por parte do aluno. Portanto, ensinar não é apenas ler ou falar diante de uma classe, mas primeiro despertar, motivar e interessar a mente do aluno e em seguida dirigi-la no processo do aprendizado. Não pode haver real ensino sem aprendizagem por parte do aluno (SILVA, 1998, p. 182).

O professor, enquanto agente ativo no processo educacional, reconhece que seu papel transcende a mera transmissão de conhecimento, não se resumindo à relação entre alguém detentor de maior conhecimento e outro com menor. O ato de ensinar abrange dimensões bem mais amplas, à medida que, de acordo com as palavras de Fugate, “o educador de verdades espirituais é alguém que evoluiu no decorrer de sua própria trajetória de transformação, adquirindo conhecimento através de experiências pessoais. O professor se torna um modelo a ser emulado por outros” (FUGATE, 1996, p. 247). A escritora Madalena Molochenco conceitua a educação como um processo de formação integral, conforme segue:

A educação é um processo amplo e contínuo do ser humano, que envolve não só a formação do aspecto cognitivo, mas de todo o ser, e compreende o desenvolvimento da personalidade, sentimentos percepções e relacionamentos. Esse processo não visa só o crescimento individual, mas também o coletivo, a fim de que o indivíduo possa interagir, relacionar-se e participar socialmente, em benefício da sociedade a que pertence (MOLOCHENCO, 2007, p. 16).

A Educação Religiosa Cristã configura-se como uma disciplina acadêmica e uma área de prática educacional voltada para a disseminação dos preceitos, valores e tradições inerentes ao Cristianismo. Este conceito implica na atribuição de relevância à fé cristã enquanto elemento fundamental no molde cultural e ético da formação dos indivíduos, visando fomentar a compreensão da Sagrada Escritura, dos princípios teológicos e éticos cristãos, assim como a apreensão da trajetória histórica e das práticas inerentes à referida religião.

Neste contexto, o autor José Ewerton Feitosa Cruz sustenta a tese de que, embora a fé cristã se revele como o fulcro da educação religiosa, isso não implica na privação dos educandos quanto ao acesso a perspectivas religiosas diversas, nem tampouco restringe-lhes a capacidade de exercer o pensamento crítico, conforme postula Cruz:

A educação cristã é, em suma, uma filosofia da educação que vê o ser humano numa perspectiva holística, onde o relacionamento com Deus faz parte da necessidade de transcender, portanto, o homem, embora precise de conhecimento, cultura, de desenvolver valores e uma postura crítica, seu desenvolvimento é incompleto sem a fé em Deus. Diferentemente da postura de verdade relativa proposta pela educação “secular”, a educação cristã permanece considerando-se como verdade absoluta. Não ignora, entretanto, as descobertas científicas, mas busca fazer ligações entre essas descobertas e doutrina bíblica, embora defenda o criacionismo, pois discorda da teoria evolucionista: o homem não é apenas um ser animal, nem existe por existir, ele foi criado com responsabilidades e com um objetivo. Embora feito de barro, o que representa sua fragilidade, consiste na coroa da criação, destarte, a essência dos valores cristãos é representado como um tesouro em vasos de barro, onde a ética é um clamor constante, como também o valor dado ao papel da família. O pecado teria afastado o homem da natureza para que fora criado,

assim sendo, cada indivíduo passa a construir seus próprios princípios morais. Para o cristianismo, entretanto, a satisfação pessoal do ser humano só pode ser encontrada através da busca do caráter de Deus (CRUZ, 2013, p. 15).

Seguindo esta linha de raciocínio, não se pode deixar de mencionar a figura de Jesus Cristo, uma vez que ele é reconhecido como o “Cristo” do Cristianismo. Em sua trajetória, é possível observar um notável desenvolvimento integral, conforme destacado por Molochenco:

Podemos afirmar que a educação cristã, por sua vez, temo como objetivos proporcionar o desenvolvimento do indivíduo como um todo e lhe oferecer condições de crescer em sua vida espiritual, no conhecimento de Deus e das Escrituras. Esse crescimento leva em conta o ser humano em seus aspectos físicos, emocionais, espirituais e sociais. Nosso exemplo maior de desenvolvimento integral é o próprio Jesus, a). Bíblia relata que ele “crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens” (Lc 52) (MOLOCHENCO, 2007, p. 16).

Além disso, a Educação Religiosa Cristã frequentemente prioriza o fomento do crescimento espiritual e a promoção dos princípios éticos cristãos, com a finalidade de direcionar os indivíduos para a conformidade com os preceitos do Cristianismo em suas esferas pessoais e sociais. No que concerne à contribuição da Educação Religiosa Cristã para o estabelecimento de uma ética regulatória abrangente para a sociedade como um todo, Cruz sustenta que:

Em se tratando de religiosidade, mas especificadamente sobre o cristianismo, é necessário considerar que, embora o cristianismo seja uma cosmovisão ou uma religião, sua visão de mundo determina valores que podem abranger todas as instituições da esfera social, assim temos no cristianismo uma espiritualidade voltada não somente para o transcendente, mas que volta-

-se também para a constituição da família, para os valores necessários ao sistema político, para a origem do conhecimento, o cuidado com as emoções do indivíduo, enfim, para a sociedade como um todo (CRUZ, 2013, p. 15).

O campo acadêmico em questão igualmente se dedica à análise de questões contemporâneas associadas à religião, à variedade de convicções e ao diálogo inter-religioso, tendo em mente a imperatividade de reverenciar a diversidade religiosa em sociedades multifacetadas. Em decorrência, ao longo de um período temporal considerável, tem contribuído para a formulação de uma perspectiva renovada sobre o mundo, conforme afirmado por Cambi:

O cristianismo provocou uma profunda transformação cultural no mundo antigo, esta revolução caracterizada por uma nova visão de mundo, é também uma revolução pedagógica e educativa. Trata-se da afirmação de um novo tipo de homem (igualitário, solidário, caracterizado pela virtude e pela humildade, do amor universal, da dedicação pessoal, como ainda, pela castidade e pela pobreza) que no âmbito religioso vem modelar toda a visão da sociedade e também os comportamentos coletivos, reinventando a família (baseada no amor e não apenas e, sobretudo na autoridade e no domínio), o mundo do trabalho (abolindo qualquer desprezo pelos trabalhos “baixos” manuais e colocando num plano de colaboração recíproca os patrões e os escravos, os serviçais, os empregados e os dependentes) e o da política (que deve inspirar-se, nos valores éticos – sociais de igualdade e solidariedade, devendo ver o soberano agir como um pai e um guia do povo, para dar vida a uma res publica Christiana) (CAMBI, 1999, p. 121).

A Educação Cristã representa um pilar na consolidação das bases espirituais, conferindo-lhes uma resistência sólida diante de investidas que visam questionar as crenças e a fé. O ato de educar se configura, por sua vez, como uma estratégia de

defesa daquilo em que se crê, em consonância com o conselho de Paulo à igreja de Éfeso:

[...] até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo (Ef 4.13-15).

É importante destacar que a percepção de que o ato de ensinar vai além da simples transmissão de conhecimento sem envolvimento no propósito fundamental da educação. A educação abrange muito mais do que apenas a disseminação de informações, conforme argumentado por Antônio Silva:

No seu exato conceito, ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas, primeiro promover aprendizagem por parte do aluno. Portanto, ensinar não é apenas ler ou falar diante de uma classe, mas primeiro despertar, motivar e interessar a mente do aluno e em seguida dirigi-la no processo do aprendizado. Não pode haver real ensino sem aprendizagem por parte do aluno (SILVA, 1998, p. 182).

No que diz respeito ao desenvolvimento integral do aluno e sua expressão, será analisado os princípios da educação propostos por Jacques Delors no âmbito da Educação Religiosa Cristã.

1.2 OS PILARES DA EDUCAÇÃO

É importante considerar que a Educação Religiosa pode desempenhar um papel mais relevante na sociedade cotidiana. Para alcançar esse propósito, é apropriado aplicar os princípios tradicionais da educação descritos na Bíblia, uma vez que a atu-

al configuração educacional é amplamente influenciada pela história da Bíblia na sociedade. Neste contexto, serão examinados detalhadamente os quatro pilares desenvolvidos pelo educador francês Jacques Delors. A metáfora “pilares” representa os elementos que sustentam uma estrutura, como destacado pela Dra. Sandra Gusso:

De modo geral, o sentido da palavra “pilar”, pode ser entendida como a base ou o fundamento de sustentação de uma obra. Fazendo uma analogia para a área da educação, “pilar” ou “pilares”, melhor dizendo, são expressões que podem ser usadas para explicar o processo de construção dos conhecimentos, servindo como base para o desenvolvimento integral de uma educação significativa (GUSSO, 2023, p. 2).

Neste estudo, os princípios dos quatro pilares serão aplicados à realidade da Educação Religiosa Cristã. São eles: “Aprender a Conhecer”, “Aprender a Fazer”, “Aprender a Conviver” e “Aprender a Ser”. Serão apresentados os pontos de conexão entre esses quatro pilares e as diretrizes preconizadas pela Educação Religiosa Cristã.

1.2.1 Aprender a Conhecer

A busca pelo desenvolvimento do processo de aprendizagem, definida como a disposição para adquirir conhecimento e o desejo de aprofundar-se nele, representa um aspecto relevante tanto no âmbito educacional como na educação cristã. Neste contexto, alude-se ao livro do profeta Oséias, especificamente na passagem “Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor” (Os 6.3), ressaltando a importância de cultivar a alegria inerente ao ato de conhecer, como indicado por Rodrigues:

Este tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma

finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes livres deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir [...]. Em nível do ensino secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo (RODRIGUES, 2021, Não Paginado).

A consolidação do processo de aprendizado do conhecimento demanda uma estruturação e intencionalidade essenciais, pois engloba a aquisição de novos conhecimentos, a assimilação de aspectos relevantes do presente e a revisão do passado. Quanto a essa necessidade fundamental de organização no contexto acadêmico, Cotrim destaca em sua obra:

Quem já observou as atividades das formigas e das abelhas, certamente deve ter ficado surpreendido com a sua organização. Os estudiosos do assunto chegam mesmo a afirmar que estes insetos desenvolveram uma forma tão avançada de comportamento automático, que a vida no formigueiro e nas colmeias possui uma funcionalidade ainda não atingida por nenhuma comunidade humana (COTRIM, 1986, p. 11).

É crucial que a humanidade, que possui uma notável vantagem em tecnologia de informação em comparação com formigas e abelhas, promova a organização de seu processo de

aprendizado e a expansão de seu acervo de conhecimento, como afirmado por Brandão:

[...] A construção do conhecimento não se consolida apenas com a razão, com o conhecimento técnico, mas ainda com um sem-número de variáveis que atuam nessa relação – que é também de construção da realidade. Somente o amor pode solidificar esse difícil, porém imprescindível, encontro de diferentes – é o grande aprendizado que a educação oferece (BRANDÃO, 2010, p. 61).

Na esfera da Educação Cristã, é possível observar que a Bíblia expressa com clareza a origem divina do conhecimento e da sabedoria, conforme registra-se no livro de Provérbios: “Pois o Senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento” (Pv 2.6). Consequentemente, de acordo com os ensinamentos bíblicos, não se vislumbra qualquer capacidade de conhecimento que não derive de Deus.

104

De acordo com o Pilar “Conhecer” da teoria educacional de Jacques Delors, a formação de um indivíduo educado de acordo com os preceitos cristãos desempenha um papel de relevância significativa na sociedade contemporânea. Essa modalidade de educação destaca-se por sua capacidade de promover e cultivar valores morais, éticos e espirituais, que por sua vez, contribuem para a edificação de uma sociedade caracterizada pela equidade e compaixão. O indivíduo que recebe tal formação, dentro de uma perspectiva cristã, adquire a capacidade de aplicar esses princípios na solução de desafios de ordem social, desempenhando assim um papel ativo como agente de transformação positiva na comunidade, conforme argumenta Lazier:

[...] Conhecer a verdade do Evangelho é seguir em frente numa perspectiva libertadora. Neste sentido, a pessoa educada cristãmente é agente de transformação da sociedade tendo o reino de Deus e os valores que sinalizam a presença do Evangelho de Cristo como referencial (LAZIER, 2011, p. 79).

A Bíblia destaca que o conhecimento divinamente concedido pode ser usado em situações que vão além das estruturas formais da religião, sendo aplicável em diversas áreas da sociedade, como exemplificado no relato de Daniel, Hananias, Misael e Azarias, conforme descrito no Livro de Daniel:

A esses quatro jovens Deus deu sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência. E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos. Ao final do tempo estabelecido pelo rei para que os jovens fossem trazidos à sua presença, o chefe dos oficiais os apresentou a Nabucodonosor. O rei conversou com eles, e não encontrou ninguém comparável a Daniel, Hananias, Misael e Azarias; de modo que eles passaram a servir o rei. O rei lhes fez perguntas sobre todos os assuntos nos quais se exigia sabedoria e conhecimento, e descobriu que eram dez vezes mais sábios do que todos os magos e encantadores de todo o seu reino (Dn 1.17-20).

Após a etapa de desenvolvimento do processo de “aprender a Conhecer”, torna-se essencial a efetiva aplicação do conhecimento adquirido, ou seja, o ato de “aprender a Fazer”. Esta fase implica na adoção de atitudes práticas e reais em relação ao conteúdo aprendido.

1.2.2 Aprender a Fazer

Depois de adquirir conhecimento e buscar sua relevância, é importante executar as ações com coragem para garantir que o aprendizado se traduza em transformações práticas na realidade. Nesse contexto, as considerações de Rodrigues sobre a finalidade da educação tornam-se significativas:

Não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, desenvolvendo

espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de certa dose de risco, saber comunicar-se e resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas (RODRIGUES, 2021, Não Paginado).

A compreensão total da missão é essencial para aprimorar a ação. Em diversas circunstâncias, a busca excessiva por conhecimento pode de fato impedir a execução da ação. Neste contexto, é crucial não apenas executar, mas também compreender as razões subjacentes do ato, conforme preconizado por Maxwell:

[...] toda pessoa que é altamente competente sempre busca aprender a fazer, tem desejo de crescer e melhorar. Tal pessoa faz isso perguntando por quê. Pois afinal, a pessoa que sabe como fazer algo sempre consegue um emprego; mas a pessoa que sabe por que fazer algo sempre será o chefe (MAXWELL, 2000, p. 40).

106

A Educação Religiosa Cristã adquire relevância ao ser traduzida em ações concretas na vida cotidiana. Tal tradução implica na efetiva aplicação prática dos valores e ensinamentos religiosos em atos de compaixão, solidariedade e serviço à comunidade. Esta integração entre fé e ação desempenha um papel significativo na formação de indivíduos comprometidos com a promoção de mudanças positivas na sociedade. Este ponto de vista é sustentado, conforme argumentado por Lazier:

A educação cristã não transmite apenas conhecimento, mas ajuda o(a) educando(a) Em construir este conhecimento e vivenciá-lo em todos os momentos da vida. Neste sentido, está implícita a preparação para a vida em sua integralidade. “Porque me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu vos mando?” (Lc 6.46). A educação cristã concebida desta forma, não é meramente sacramental ou doutrinária, ou seja, não visa tão somente educar a pessoa para ser melhor membro da Igreja. Pelo contrário, a edu-

cação tem como foco a vida em sua integralidade. Educar na perspectiva cristã é educar para a cidadania, para a responsabilidade social, para ação efetiva na sociedade em prol de uma transformação e desenvolvimento das pessoas. O ato de aprender a fazer é educar para que as pessoas percebam a realidade em que vivem e façam algo para melhorar e transformar esta realidade, à luz da experiência cristã (LAZIER, 2011, p. 79).

A Bíblia dá ênfase à importância da ação, não se limitando a um simples foco na aquisição de conhecimento. Em vez disso, destaca a necessidade de agir, como expresso no Livro de Provérbios, que afirma: “O trabalho árduo traz benefícios, enquanto apenas falar leva à pobreza” (Pv 14.23). De maneira semelhante, a Epístola de Tiago adverte sobre a prioridade da ação em relação ao mero conhecimento:

Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu, mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer (Tg 1.22-25).

Em contraposição a uma sociedade caracterizada pelo utilitarismo crescente e pelo consumo cada vez mais acentuado, torna-se imprescindível ressaltar que, além do domínio do conhecimento e da prática, existe uma urgente demanda pela promoção da convivência, como será abordado a seguir.

1.2.3 Aprender a Conviver

É relevante destacar que o acúmulo de conhecimento e a obtenção de resultados, quando não são promovidos de forma coletiva, podem ter um impacto potencialmente prejudicial para a comunidade. Portanto, é crucial enfatizar a importância

de promover a ideia de coletividade para que o conhecimento possa verdadeiramente desempenhar o papel de fortalecer a sociedade, como defendido por Rodrigues:

Aprender a conviver – No mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum (RODRIGUES, 2021, Não Paginado).

O autêntico conhecimento é demonstrado pela capacidade de conviver com outros indivíduos, sendo este um dos critérios que o caracteriza, como mencionado no livro de Provérbios: “O que possui o conhecimento guarda as suas palavras, e o homem de entendimento é de precioso espírito” (Pv 17.27).

Os indivíduos que atuam como sujeitos na Educação Religiosa Cristã devem demonstrar a capacidade de conviver harmoniosamente com perspectivas contraditórias. Através da promoção de valores fundamentais, como respeito, tolerância e compreensão, essa forma de educação habilita os indivíduos a enfrentar as divergências e desacordos de forma construtiva, que por sua vez, contribui para a promoção da convivência pacífica na sociedade. Este ponto é respaldado pela afirmação de Lazier:

A convivência com os diferentes, num ambiente em que o contraditório se faz presente e questiona, é o grande desafio dos/as cristãos/ãs. Neste sentido, a educação cristã atua para promover o sentido de comunidade e solidariedade e superar a uniformidade. “Todos os que criam estavam juntos” (At 2.44). A educação cristã tem o apelo da convivência, do estar junto com os/as outros/as. Educar, neste sentido, é estar com o/a educando/a e, a partir da realidade em que se encontra, caminhar em busca de uma vida transformada. A educação cristã não é só informação bíblica e acúmulo de conhecimentos,

implica numa vivência que possibilite que membros da Igreja tenham condições de viver numa sociedade complexa e contraditória como a nossa, sinalizando as virtudes e os valores do reino de Deus (LAZIER, 2011, p. 80).

É importante que os ambientes educacionais, para além da mera transmissão de conhecimento, desempenhem um papel significativo como agentes de promoção do desenvolvimento desta coletividade, conforme sustentado por Tuler:

Faz parte da educação aprender a lidar com pessoas diferentes, tratar de assuntos relevantes, não falar mal dos outros, não usar a força para resolver conflitos, demonstrar gentileza e sinceridade no tratamento com os colegas e professores. É justamente na escola que os alunos aprendem as regras básicas de convivência em sociedade. O que cada professor precisa fazer é abrir espaço a fim de que eles aprendam a conviver, se conheçam e se respeitem (TULER, 2005, p. 75).

A comunidade cristã de Tessalônica demonstrou um notável avanço tanto em conhecimento como na prática de princípios. Esse progresso foi reconhecido pelo apóstolo Paulo em várias passagens de suas epístolas, onde ele expressou satisfação com o crescimento da igreja local. No entanto, mesmo diante do acúmulo de conhecimento e do amadurecimento espiritual, no capítulo 5 da Primeira Epístola aos Tessalonicenses, Paulo fez diversas advertências, destacando a importância de certos aspectos:

¹² Agora lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração para com os que se esforçam no trabalho entre vocês, que os lideram no Senhor e os aconselham. ¹³ tenham-nos na mais alta estima, com amor, por causa do trabalho deles. Vivam em paz uns com os outros. ¹⁴ exortamos vocês, irmãos, a que advirtam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos. ¹⁵ tenham cuidado para que

ninguém retribua o mal com o mal, mas sejam sempre bondosos uns para com os outros e para com todos (1Ts 5.12-15).

Ao adquirir conhecimento, a compreensão da ação se alinha harmoniosamente com o contexto coletivo. É importante esforçar-se para buscar autenticidade e estabelecer autoridade no domínio do conhecimento adquirido. Essa autoridade se origina da completa incorporação do aprendizado, como demonstrado a seguir.

1.2.4 Aprender a Ser

A educação tem como objetivo uma abordagem holística do indivíduo, englobando todas as áreas de sua formação. Nesse contexto, é importante examinar os quatro pilares da educação, lembrando que eles estão intrinsecamente ligados a um único sujeito. Portanto, destaca-se a importância de abordar o pilar relacionado ao “Ser”, conforme observado por Rodrigues:

É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. Com base nessa visão dos quatro pilares do conhecimento, pode-se prever grandes consequências na educação. O ensino-aprendizagem voltado apenas para a absorção de conhecimento e que tem sido objeto de preocupação constante de quem ensina deverá dar lugar ao ensinar a pensar, saber comunicar-se e pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autônomo; enfim, ser socialmente competente (RODRIGUES, 2021, Não Paginado).

Uma das premissas fundamentais da educação reside na relevância da transformação moral e ética, sendo a constante metamorfose do ser um dos objetivos primordiais do processo

educativo, sobretudo no contexto cristão, conforme enfatizado por Tuler:

A educação cristã vai além das raíais da simples valorização docente. A palavra de Deus nos instrui que não devemos pensar apenas em nós mesmos, no que somos, julgamos ou podemos ser. Temos de pensar na valorização do outro, no ser do outro. Não há como ser o outro. Todavia, para valorizarmos o outro é necessário valorizarmos a nós mesmos. “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Outra coisa importante é que o cristão nunca deixa de aprender a ser. Ele está sempre crescendo nesse sentido, porque a aprendizagem da fé está no fato de o crente ser e saber ser uma pessoa em constante busca de seu aperfeiçoamento moral, ético e espiritual (TULER, 2005, p. 76-77).

No contexto da Educação Religiosa Cristã, é crucial que o receptor não se limite apenas a adquirir conhecimentos teóricos, mas também internalize e aplique essas doutrinas em sua própria identidade. Essa abordagem visa garantir a transformação da educação religiosa em uma orientação ética, desempenhando um papel importante na formação de indivíduos autênticos e moralmente responsáveis na sociedade, como preconizado por Lazier:

O compromisso da educação cristã é levar (conduzir, caminhar junto com) as pessoas a serem seguidoras de Jesus e a evidenciarem em suas atitudes esta experiência de conversão e transformação. Neste sentido, o desafio maior é ser instrumento nas mãos de Deus e sinalização do amor, da graça e da paz. A maior característica de que a pessoa é cristã de fato é o amor: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). O amor a Deus deve se transformar em amor para com os semelhantes, pois não é possível amar a Deus e não amar ao próximo (LAZIER, 2011, p. 80).

Na Educação Religiosa Cristã, a ausência de comprometi-

mento com a vivência dos ensinamentos, torna o conhecimento vão, e desta forma, ineficaz quanto a seus efeitos. Neste contexto, o apóstolo Paulo, em sua carta aos Efésios, ressalta que os ensinamentos ministrados devem conduzir a uma metamorfose nas atitudes cotidianas, conforme demonstrado a seguir:

De fato, vocês ouviram falar dele, e nele foram ensinados de acordo com a verdade que está em Jesus. Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade. Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo (Ef 4.21-25).

A Educação Religiosa Cristã enfatiza a importância da família em sua dinâmica, pois reconhece que a família desempenha um papel fundamental na formação espiritual e moral das gerações mais jovens. A família é responsável por transmitir valores, crenças e práticas religiosas, criando um ambiente propício para a vivência diária dos princípios cristãos.

Nesse contexto, a família, como um núcleo primordial de socialização, desempenha um papel significativo na construção da identidade religiosa e na incorporação desses valores à vida das crianças, com impacto direto em seu desenvolvimento moral e espiritual. Essas ideias estão alinhadas com a afirmação da autora Gleyds Domingues:

É no interior da família que nasce o processo formativo do ser humano. Isso indica que, nela, ocorrem as primeiras experiências e aprendizagens, geradoras de conhecimento sobre si mesmo, o outro e que o cerca. Quando isso não acontece, há um prejuízo em grande proporção, visto que impacta diretamente no desenvolvimento do sujeito aprendiz (DOMINGUES, 2020, p. 38).

Na próxima subdivisão, serão apresentados detalhes mais aprofundados sobre a manifestação da influência familiar na Bíblia, com destaque para o Antigo Testamento, uma vez que é nesse contexto que se encontra o registro das origens da organização da sociedade do povo de Israel. Além disso, será traçado um breve panorama histórico da evolução do processo educacional entre os membros da comunidade religiosa

2. A FAMÍLIA À LUZ DA BÍBLIA

Uma abordagem adequada sobre a influência dos pais na educação bíblica de seus filhos deve ser baseada em uma pesquisa sólida sobre a história dessa forma de educação. O Antigo Testamento, com uma análise mais detalhada, especialmente do Pentateuco, fornece informações relevantes sobre como essa educação era realizada durante o período patriarcal e na formação do Povo de Israel.

É importante destacar que o docente desempenha uma função central em muitas concepções de educação. No entanto, é relevante notar que, de acordo com as perspectivas apresentadas na Bíblia, esse entendimento não se limita a essa situação. Este aspecto será analisado em mais detalhes no próximo capítulo. Além disso, é válido ressaltar que a família desempenha um papel ativo no processo da Educação Religiosa, conforme afirmado por Tuler:

A Educação Cristã precisa ser parte da vida das famílias e da Igreja, e acontecer de maneira natural quando ministrada informalmente, e de forma criativa, interessante e motivadora quando direcionada para o alcance de um objetivo específico (TULER, 2005, p. 202).

O professor, enquanto agente ativo no contexto do processo educacional, reconhece que sua função não se limita à mera transmissão de conhecimento de um indivíduo mais experiente para outro menos instruído. A atividade de ensino vai

muito além dessa dinâmica, conforme destacado por Richards, que afirma:

O educador de verdades espirituais é alguém que avançou no processo de transformação por meio de vivências pessoais. O professor representa um modelo que pode orientar outros na busca por um semelhante desenvolvimento (RICHARDS, 1996, p. 247).

Ao longo da História, o modelo de educação dos hebreus tem desempenhado um papel significativo como referencial teórico para a atuação pedagógica. No próximo tópico, serão apresentados os principais temas abordados, com especial ênfase no livro de Deuteronômio.

2.1 DEUTERONÔMIO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO JUDAICA

114

O Pentateuco constitui um significativo tratado legal no contexto do povo de Israel. É relevante destacar que, além de abordar a narrativa da criação do universo, esse conjunto de textos também descreve a formação de um povo escolhido por Deus. Todavia, é imprescindível ressaltar que o livro de Deuteronômio tem despertado crescente interesse entre os estudiosos, devido à sua notável centralidade na estrutura organizacional do povo, conforme sustentado por Kostenberger:

Ao longo do Pentateuco, dos livros históricos do Antigo Testamento e dos salmos, encontramos a consciência de que pais e mães (especialmente pais) devem transmitir sua herança religiosa aos filhos e filhas com zelo e cuidado, visto que desde os primórdios das civilizações patriarcais (KOSTENBERGER, 2015, p. 98).

A relevância de Deuteronômio se deve, em grande parte, ao fato de ter sido escrito para um público distinto em comparação com os outros livros do Pentateuco. Deuteronômio foi destinado aos descendentes da primeira geração que estavam prestes

a conquistar a terra prometida. Isso confere ao livro um caráter formativo que vai além daqueles que estavam presentes como ouvintes das últimas palavras de Moisés, como mencionado por René Padila em seu estudo:

Os estudos que se tem realizado por anos manifestam que a presente redação de Deuteronômio “*é um mosaico de inumeráveis e variadas peças de tradições literárias*”. O livro mesmo nos oferece vários títulos (1.1; 4.44; 6.1; 12.1), o que demonstra seu extenso e complexo processo de crescimento. Começando com Moisés, nos anos de Moabe (séc. XIII a.C.), passando pelo reino do Norte (até 722 a.C.), por Judá, com a reforma de Ezequias (cerca de 705 a.C.), a reforma de Josias (622 a.C.) e o exílio (PADILA, 2003, p. 77).

É possível observar na dinâmica do livro que o povo em questão não é constituído por indivíduos iletrados, mas sim por uma comunidade que se desenvolveu e, além disso, produziu métodos de educação que transcendem a mera tradição de transmissão oral característica de grupos nômades, conforme sustentado por Luzuriaga:

O povo nômade, sem deixar de ser pastor, faz-se sedentário e agricultor. A vida de família está mais regulada, como, em geral, o mais da existência. A educação também se orienta pelo livro da lei, o Decálogo, que cumpre ensinar e transmitir às gerações jovens. Por outro lado, o contato com civilização mais desenvolvida, a egípcia, dá ao povo hebreu maior sensibilidade para a cultura (LUZURIAGA, 1963, p. 30).

Importantes diretrizes são expostas no livro de Deuteronômio, cujos textos ainda permeiam a cultura judaica contemporânea, como já elucidado anteriormente. Este livro, ao longo dos séculos, desempenhou um papel significativo como referência em diversos momentos da história do povo. Não obstante a diversidade de contextos em que foi inserido, o Deuteronômio mantém uma notável coerência em sua mensagem, conforme

apontado por Padila:

O Deuteronômio é a clara indicação de um fato indiscutível da mensagem bíblica: que se, em um determinado momento, história e audiência variam, a palavra é a mesma. Deuteronômio é um exemplo de uma correta hermenêutica, onde a palavra e o contexto encontram-se em diálogo responsável, no qual se reconhece que a palavra somente fala quando se insere no contexto do ouvinte (PADILA, 2003, p. 77).

A seguir, será abordado o tratamento dado ao tema da educação familiar e da formação dos filhos no livro de Deuteronômio, e como esses aspectos desempenharam um papel fundamental na construção de uma sociedade pós-cativeiro, em seu processo de consolidação como um grupo étnico distintivo.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FAMILIAR EM DEUTERONÔMIO

116

Conforme discutido anteriormente, é crucial ressaltar que, na cultura do povo Hebreu, o Livro de Deuteronômio desempenhava um papel de igual relevância, sendo complementado pela necessária transmissão de valores por meio da educação, a qual inicialmente se caracterizava por sua natureza eminentemente familiar, conforme sustentado por Padila:

O livro fala da lei, mas não do ponto de vista jurídico. Ele não é feito para o uso de juízes e sacerdotes. É escrito tendo em mente todo o povo de Israel e para ser usado não na corte, mas no lar. O povo simples que muitas vezes não tinha acesso à alta corte (PADILA, 2003, p. 78).

Para além de questões estritamente religiosas, no ambiente do lar, questões éticas da comunidade eram abordadas. Isso se deve ao fato de que o Povo Hebreu, em despeito de sua intenção de se organizar como nação, não demonstrava até então, uma consciência plenamente desenvolvida em relação à liderança política. Essa circunstância conferia ainda maior

relevância à necessidade de cultivar um senso de comunidade, conforme Molochenco:

A vida religiosa também contemplava ensinamentos voltados para a comunidade, expressos em forma de liturgias revestidas de caráter festivo ou cerimonial, que eram celebradas em diversas ocasiões. Diversos estudiosos cristãos concordam que tais celebrações representavam uma grande contribuição ao processo educacional, pois através do caráter simbólico de que se revestiam, as crianças aprendiam sobre Deus (MOLOCHENCO, 2007, p. 29).

Entretanto, é importante ressaltar que o povo hebreu se caracterizava como uma sociedade teocrática, o que implicava na primazia do ensino da Lei Divina e dos propósitos divinos. O modelo educacional vigente, em suas origens, estava essencialmente centrado na esfera familiar. Naquela época, não se evidenciavam outras instituições que almejassem desempenhar um papel educacional substancial, como sustentado por Molochenco:

O povo Hebreu era teocêntrico; logo, toda a vida da comunidade girava em torno da crença no Deus único e de um comportamento social vinculado a Ele. Sendo assim, o ensino sobre a fé e um único Deus era algo naturalmente passado às crianças e dispensava atuação de outra instituição que não fosse a família para tal tarefa (MOLOCHENCO, 2007, p. 28).

Naquele contexto, já se delineava o embrião de um modelo no qual o Sumo Sacerdote poderia desempenhar a função de tutor no âmbito desse processo educacional, à semelhança do que foi relatado por Flavio Josefo em sua obra “A História dos Hebreus”, no qual Moisés também desempenhou essa função:

Quando se reunirem na Cidade Santa, ao fim de sete anos, para solenizar a festa dos Tabernáculos, o sumo sacerdote subirá a um lugar elevado, de onde lera publicamente toda a Lei,

tão alto que cada qual possa ouvi-la, sem que se impeçam às mulheres, às crianças e aos animais estarem presentes, pois é bom gravá-la dessa maneira nos corações, para que jamais seja apagada de sua memória e de modo a tirar-lhes a desculpa de terem pecado por ignorância. Porque as santas leis farão sem dúvida impressão muito forte em seu espírito quando eles mesmos ouvirem quais são os castigos que elas impõem e como serão punidos os que ousarem violá-las (JOSEFO, 2004, p. 175).

No entanto, conforme prossegue em seu relato histórico, o historiador Josefo destaca que, antes desse período de instrução coletiva, os princípios fundamentais são predominantemente cultivados no ambiente doméstico. Segundo suas observações, embora os eventos cerimoniais públicos tenham importância significativa, não se deve menosprezar o ensino particular ministrado na família, como ele menciona a seguir:

Deve-se antes de tudo ensinar às crianças essas mesmas leis, pois nada lhes poderá ser mais útil, e, pela mesma razão, apresentar-lhes duas vezes por dia, pela manhã e à noite, os benefícios de que são devedoras a Deus e a maneira como foram libertas da servidão dos egípcios, a fim de que lhe agradeçam os favores passados e tornem-no favorável para obter outros no futuro (JOSEFO, 2004, p. 175).

Nesse contexto, um dos textos de significativa relevância no que tange à educação familiar é o trecho presente em Deuteronômio 6:4-9. Este, assume um papel fundamental tanto na tradição hebraica quanto na tradição cristã ao longo dos séculos:

⁴ Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.⁵ Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.⁶ E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração;⁷ E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.⁸ Também as atarás por sinal na tua

mão, e te serão por frontais entre os teus olhos.⁹
E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas
tuas portas (Dt 6.4-9).

O trecho em questão evidencia o progresso cultural da comunidade pós-cativeiro, destacando a importância do desenvolvimento da escrita e da leitura, notadamente observável na prática de inscrever informações nos umbrais das habitações. Tal prática desempenha um papel significativo na disseminação da legislação e de seus princípios subjacentes. É necessário reconhecer que a proficiência na escrita historicamente se correlacionou com o avanço sociocultural das civilizações, o que se coaduna com o argumento apresentado por Coleman no tocante ao rápido desenvolvimento da sociedade israelita:

Parece que, em Israel, desde o princípio, nunca houve muita dificuldade em se encontrar pessoas que soubessem ler e escrever. Sabemos que foi Moisés quem leu para a nação o Livro da Aliança (Êx 24.7), mas a pessoas comuns também sabiam ler. Todos teriam de escrever a Lei nos umbrais da casa (Dt. 6.9). (COLEMAN, 2008, p. 113).

Este texto serve como base para a educação bíblica no contexto judaico. Os versículos 4 e 5 desempenham um papel fundamental no El Shemá, que transcende a mera composição textual. O contexto histórico subjacente destaca a relevância de salientar que a comunidade israelita demonstrava uma crença monoteísta, em contraposição à predominante realidade politeísta daquela era. A ênfase no amor a Deus, em contraste com o temor a múltiplas divindades, representou uma inovação significativa para o período em questão, conforme discutido por Padila:

Deuteronômio 6.4-9 está estruturado de tal maneira que tudo quanto se declara e ordena dirige-se ao início da unidade. No verso 6, a expressão “estas palavras” serve de enlace e de elemento enfático. Com isso, o autor ata cada elemento da unidade e assegura que, em cada

nova demanda. A declaração dos versículos 4 e 5 ressoe com majestoso som (PADILA, 2003, p. 81).

Na sequência, observa-se que o povo Hebreu transcendia a concepção de meramente possuir uma religião, uma vez que essa característica era corriqueira para o contexto da época. O que verdadeiramente conferia singularidade a Israel consistia em seu modelo de governança e na maneira pela qual a Bíblia se erigia como um documento de caráter moral da nação. Essa abordagem proporcionava coesão nas práticas institucionais, estabelecendo, assim um código de ética que, a partir desse ponto, cimentava os rumos da nação, conforme postulado por Luzuriaga:

Em essência o povo hebreu foi mais que religioso, foi teocrático, já que foi governado e orientado por patriarcas, sacerdotes, rabinos e profetas. Isto, mais que a significação racial, é o que lhe deu caráter e permanência através da história (LUZURIAGA, 1963, p. 29).

120

Contudo, é patente que o enfoque do presente texto e desta pesquisa reside na averiguação do papel crucial desempenhado pelos pais no processo de moldagem desta emergente nação. Moisés, agora avançado em idade e enfrentando seus derradeiros dias, comunica-se com as gerações vindouras. Contudo, constata-se que não ocorre desvio em relação ao desígnio divino no que diz respeito à instituição familiar, o qual consiste em desempenhar um papel central na formação do indivíduo, conforme postulado por Kostenberger:

A vontade manifesta de Deus para o povo de Israel ainda é a vontade de Deus para o povo da igreja nos dias de hoje. Os pais cristãos têm a incumbência e séria obrigação de transmitir sua herança religiosa aos filhos. Essa herança gira em torno da experiência pessoal de livramento divino do pecado, da revelação de Deus em Jesus Cristo e da morte de Cristo por nós na Cruz. Os pais cristãos devem aproveitar todas as oportunidades de tratar com seus filhos dessas

questões fundamentais e passar a eles gratidão pessoal por aquilo que Deus Fez (KOSTENBERGER, 2015, p. 99).

É evidente, assim que a base educacional da cultura hebraica repousava na estrutura familiar. Mesmo diante da emergência de outros paradigmas educacionais, tais como a escola de profetas ou a educação rabínica, é notório que os genitores mantiveram seu papel de destaque nesse contexto. Este entendimento corrobora com a argumentação de Cruz:

Em se tratando de religiosidade, mas especificadamente sobre o cristianismo, é necessário considerar que, embora o cristianismo seja uma cosmovisão ou uma religião, sua visão de mundo determina valores que podem abranger todas as instituições da esfera social, assim temos no cristianismo uma espiritualidade voltada não somente para o transcendente, mas que volta-se também para a constituição da família, para os valores necessários ao sistema político, para a origem do conhecimento, o cuidado com as emoções do indivíduo, enfim, para a sociedade como um todo (CRUZ, 2013, p. 15).

Na próxima seção, será abordada a influência dos pais na formação do indivíduo, bem como a maneira pela qual esse fenômeno reflete o modelo de sociedade vigente na época.

2.3 O PAPEL DO PAI NO MODELO BÍBLICO DE EDUCAÇÃO

A educação religiosa frequentemente era paralela com a educação vocacional, verificando-se, de fato, uma sobreposição substancial entre ambos os conceitos no contexto do modelo de educação hebraico, como afirmado por Coleman:

Nos primeiros anos de vida da criança, ela ficava inteiramente aos cuidados da mãe. Mas o menino, assim que estivesse um pouco mais crescido, passava a ser instruído pelo pai, que tomava

providências para que ele aprendesse um ofício. Os rabis achavam que, se o pai não ensinasse uma profissão ao filho, estaria amaldiçoando-o. Ao mesmo tempo, a menina ia aprendendo os afazeres domésticos, sob a supervisão da mãe (COLEMAN, 2008, p. 36).

Apesar da preocupação paterna em relação à formação profissional dos filhos, que frequentemente se encontrava associada à continuidade da tradição familiar no exercício de uma ocupação, é possível observar que o enfoque primordial da atuação paterna na educação das crianças era o ensino dos preceitos religiosos. Tal observação denota que a formação moral, espiritual e profissional dos descendentes tinha sua origem no ambiente familiar. Além disso, a obtenção de sucesso profissional por parte dos filhos conferia um status social positivo aos pais, enquanto o fracasso ou desonra no desempenho das atividades herdadas acarretava uma reputação negativa para a progenitura. A perspectiva de Coleman sobre este tema merece ser considerada a fim de enriquecer o entendimento sobre essa dinâmica familiar:

No início da história de Israel, os pais eram os mestres de seus filhos. E ao que parece, eles levavam muito a sério sua tarefa de transmitir-lhes os ensinamentos básicos de sua fé, bem como os rudimentos de seu ofício. E para os pais isso era um ponto de honra, pois se sentiriam ultrajados se eles crescessem ignorantes (COLEMAN, 2008, p. 135).

Fica claro em Deuteronômio 6.7 que este processo de educação era processual, e não um momento específico de educação, e eram baseados no cotidiano da família. Educar estava relacionado com o relacionamento familiar e com a prática do ensino, não obstante o verso 6 de Dt.6 também destaca que antes de transmitir conhecimento o pai devia guardar no coração aquela verdade, o que demonstra que ensinar era viver o que se ensinava. Para tanto, momentos corriqueiros da

vida se transformavam em oportunidades de ensino, conforme defendido por Coleman:

A maior parte do ensinamento era transmitida a partir das situações normais da vida. Eles aproveitavam as festas religiosas para ensinar. Narravam as histórias que seus pais lhes haviam contado. E, em muitos casos, ilustravam seus ensinamentos no próprio trabalho, o pai ao filho, a mãe à filha. Depois que passaram a ter acesso às escrituras, eles liam e discutiam também como forma de ensino (COLEMAN, 2008, p. 135).

É evidente, portanto, que o processo de educação familiar não se caracteriza por um planejamento programático estrito, mas sim um contínuo desenvolvimento. Além disso, ele não se opõe à inclusão de novos modelos de educação que possam emergir, uma perspectiva que sempre esteve alinhada com o pensamento de Luzuriaga:

Mais tarde, depois da volta do cativo na Babilônia e também após o contato com um povo de alta cultura, desenvolve-se educação de caráter superior para preparação dos peritos em leis e em escritura, aqueles para interpretação jurídica dos livros sagrados, estes para a religiosa, dando lugar à formação dos rabinos, que são também depois os mestres ou professores desse povo (LUZURIAGA, 1963, p. 31).

É possível constatar, inclusive durante os tempos do Novo Testamento, que, apesar do advento das notáveis escolas filológicas, a transmissão de conhecimento continuava a ser uma prática tradicional, passada de geração em geração, como exemplificado na relação entre José e Jesus. Embora o Templo do Senhor tenha sido erigido, isso não implicava na supressão do papel da unidade familiar no contexto educativo, em detrimento das instituições educacionais de maior escala, conforme argumentado por Padila:

A Bíblia, como um todo, é inequívoca a respeito

disso. O Templo desempenhava o papel de um centro de adoração e culto comunitário, enquanto a fé da igreja nos primórdios do primeiro século se desenvolveu principalmente no âmbito das residências (PADILA, 2003, p. 73).

O movimento descrito em Deuteronômio 6.7 evidencia a necessidade de intencionalidade por parte das famílias no processo de formação. É fundamental compreender que o jovem deve ser instruído “no” caminho, não apenas adquirindo conhecimento “do” caminho, conforme expresso em Provérbios 22.6. Neste contexto, a conclusão de Kostenberger é relevante:

A vontade manifesta de Deus para o povo de Israel ainda é a vontade de Deus para o povo da igreja nos dias de hoje. Os pais cristãos têm a incumbência e séria obrigação de transmitir sua herança religiosa aos filhos. Essa herança gira em torno da experiência pessoal de livramento divino do pecado, da revelação de Deus em Jesus Cristo e da morte de Cristo por nós na Cruz. Os pais cristãos devem aproveitar todas as oportunidades de tratar com seus filhos dessas questões fundamentais e passar a eles gratidão pessoal por aquilo que Deus Fez (KOSTENBERGER, 2015, p. 99).

124

A educação processual apresenta o desafio da exemplificação e da intencionalidade por parte dos responsáveis no desenvolvimento do indivíduo. Apesar dos avanços das distintas correntes filosóficas no âmbito educacional, é aos pais que se concede o privilégio do acesso direto aos sentimentos de seus filhos, englobando tanto pais quanto mães. Apesar da tradicional divisão de papéis entre os cônjuges, é imprescindível que ambos reconheçam a sua importância no referido processo.

2.4 O PAPEL DA MÃE NO MODELO DE EDUCAÇÃO

No contexto do relato bíblico, é possível observar que, quando se aborda a importância da honra e obediência dos fi-

lhos, o foco é invariavelmente direcionado tanto ao pai quanto à mãe, sem que se privilegie exclusivamente um deles. Um dos exemplos mais emblemáticos dessa abordagem pode ser encontrado no próprio mandamento “Honrarás pai e mãe” (Êx 20.12), evidenciando, desse modo, a relevante contribuição materna nesse processo.

Certamente, apesar do modelo patriarcal de educação, constata-se que as mães eram incumbidas da responsabilidade pelos primeiros anos de formação dos filhos. Atualmente, é possível observar que nesse período crucial para o desenvolvimento infantil, uma significativa parcela dos traços de caráter de uma criança se solidifica. Sobre esse aspecto, alinha-se com tais considerações o pensamento de Kostenberger:

Durante a primeira década de vida da criança, ela era preocupação central da mãe. Uma vez que no antigo Israel o lar era o principal âmbito de ensino, o exemplo e as instruções da mãe eram fundamentais. Quando os filhos chegavam à adolescência, passavam cada vez mais tempo com o pai, o que não significava que a mãe deixava de exercer influência (KOSTENBERGER, 2015, p. 95).

Não obstante as diversas dificuldades enfrentadas pelas mães devido às imposições da sociedade, torna-se evidente o papel fundamental que desempenharam na formação de indivíduos notáveis, tanto do sexo masculino quanto feminino, sob a perspectiva enfatizada por Coleman:

A tendência geral era dar escolaridade aos meninos, mas não as meninas. Contudo, sempre houve em Israel mulheres com certo grau de conhecimento, que atuaram funções nas quais podiam aplicar essa cultura. Alguns exemplos são Débora (Jz 4), Hulda (2Rs 22.14-20) e Ana (Lc 2.36), profetisas que tiveram um papel importante em sua época (COLEMAN, 2008, p. 141).

A condição da mulher na cultura judaica apresentava desafios substanciais, como evidenciado no Talmud da Babilônia,

particularmente no tratado “Menochat” 43B, no qual uma afirmação notória é registrada da seguinte maneira: “O Rabino Meir alegou que o homem deve recitar diariamente três bênçãos específicas, a saber: a bênção pela sua inclusão no povo de Israel, a bênção por não ser uma mulher, e a bênção por não ser um ignorante” (KOCHMANN, 2005, p. 35).

O referido princípio não se encontra explicitamente delimitado nas escrituras, mas, ao invés disso, emerge como um desdobramento da estrutura social que historicamente concebia a mulher como um mero complemento à dinâmica familiar. Essa concepção, em várias situações, redundava na subjugação e limitação da participação feminina na vida social. Adicionalmente, é possível identificar, nesse contexto, uma tolerância tácita no cumprimento de determinados preceitos legais, conforme abordado por Kochmann:

A priorização das tarefas femininas voltadas para o lar - tomar conta da casa, das crianças e do marido - terá como consequência direta a limitação da função religiosa; portanto, a mulher fica liberada da obrigação do cumprimento de determinados preceitos judaicos que têm um momento específico para serem cumpridos (KOCHMANN, 2005, p. 35).

Este cenário representou um desafio contínuo para as mulheres e mães ao longo da história. Entretanto, essa realidade jamais constituiu um impedimento para que mulheres de significativa importância desempenhassem papéis profundamente relevantes tanto no âmbito educacional quanto na esfera da vida familiar. Conforme afirmado em Provérbios 14.1, “A mulher sábia edifica sua casa”, o que, nesse contexto, enfatiza o enfoque na esfera familiar. Prova disso é a análise do capítulo 31 do mesmo livro revela que tais mulheres transcenderam amplamente os simples aspectos domésticos, assumindo um papel de parceira na administração familiar ao lado de seus maridos.

Após a normatização do papel fundamental da família no processo de Educação Religiosa, outros agentes desempenharam um papel significativo na evolução do ensino. As novas modalidades de educação ao longo da história serão analisadas na seção subsequente.

2.5 EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO ANTIGO TESTAMENTO

Com base na instituição Mosaicas dos papéis da família na Educação, faz-se necessário aprofundar a investigação sobre a evolução dos modelos educacionais ao longo do Antigo Testamento.

A análise da evolução da Educação Religiosa se mostra imprescindível no contexto da compreensão das dinâmicas socioculturais e espirituais ao longo da história. A seguir serão explorados os três principais períodos que marcaram essa evolução: o Período Sacerdotal, no qual a educação religiosa se encontrava subjugada à autoridade da hierarquia sacerdotal e a práticas rituais; o Período Profético, notabilizado por sua ênfase em ensinamentos de cunho ético e moral; e o Período pós exílio babilônico, que testemunhou um renascimento espiritual e um foco preponderante na educação religiosa com o propósito de reconstruir a identidade hebraica após o período de exílio. A análise destas distintas fases se apresenta como um elemento fundamental para a compreensão das metamorfoses que a educação religiosa experimentou ao longo do curso do tempo.

2.5.1 Período Sacerdotal

Na estrutura organizacional do povo de Israel, alguns indivíduos foram incumbidos da responsabilidade pela instrução da comunidade, como os levitas um grupo relevante durante esse período, conforme sustentado por Coleman:

A certa altura, foi designado, entre os levitas, um grupo especial de professores que ficaram encarregados da instrução povo de Israel. Eles se tornaram então os principais mestres no que dizia respeito à instrução oferecida fora do lar, até à época do exílio. Depois deles, os escribas assumiram o papel de principais educadores. Eram eles elementos-chave na interpretação e ensino da lei (COLEMAN, 2008, p. 135).

Além dos levitas, os sacerdotes também desempenhavam um papel de relevância crucial no âmbito da educação religiosa, sobretudo na aplicação da lei mosaica, tanto na caminhada no deserto, como após a conquista da terra prometida, eles atuavam como mediadores entre Deus e a comunidade, incumbindo-se do ensinamento das Leis, em concordância com as observações de Vaux:

Ao mesmo tempo que a Torah sacerdotal se tomava a Torá, a Lei, o conjunto das prescrições que regiam as relações do homem com Deus, e que os sacerdotes eram reconhecidos como seus intérpretes, ao mesmo tempo que aumentava a preocupação de se bem dispor interiormente para que o culto fosse agradável a Deus, os sacerdotes se tornaram mestres da moral e da religião (VAUX, 2004, p. 384).

Um marco de significativa relevância na história de Israel consiste na Instituição da Monarquia. Neste período, emerge de forma notável a figura do Profeta, sua relevância será abordada a seguir.

2.5.2 Período Profético

Os profetas desempenharam o papel de mensageiros divinos, encarregados de transmitir a vontade de Deus, bem como de repreender transgressões e fomentar a adesão aos preceitos divinos. Eles exerciam influência na conformação da espiritualidade, ética e moral da comunidade hebraica, desempenhando um papel fundamental na formação da educação religiosa e cultural, como destacado por Vaux:

Os profetas exerceram a mesma função de educador que o sacerdote, mas de uma maneira diferente: o profeta é o homem do *dabar*, da palavra, o portador da palavra de Deus que lhe inspira imediatamente o que ele deve dizer em dada circunstância, o instrumento de uma revelação atual de Deus, enquanto que o sacerdote é o homem da Torah, o depositário e o intérprete de uma ciência, da *at*, que vem sem dúvida de Deus, mas em uma revelação passada, transmitida pelos canais humanos da tradição e da prática (VAUX, 2004, p. 384).

A manifestação do período dos profetas se evidenciou de forma notável durante o período monárquico, destacando-se a frequente interação dos profetas com os monarcas. Nesse contexto, é importante salientar a relevante influência dos reis na promoção da educação religiosa do povo de Israel. No âmbito deste estudo, o foco recai na análise da contribuição específica do Rei Josafá para a consolidação da Educação Religiosa, conforme relatado no Livro de 2 Crônicas:

¹ Em lugar de Asa, reinou seu filho Josafá, que se fortificou contra Israel; ² ele pôs tropas em todas as cidades fortificadas de Judá e estabeleceu guarnições na terra de Judá, como também nas cidades de Efraim, que Asa, seu pai, tinha tomado. ³ O Senhor foi com Josafá, porque andou nos primeiros caminhos de Davi, seu pai, e não procurou a baalins. ⁴ Antes, procurou ao Deus de seu pai e andou nos seus mandamentos e não segundo as obras de Israel. ⁵ O Senhor confirmou o reino nas suas mãos, e todo o Judá deu presentes a Josafá, o qual teve riquezas e glória em abundância. ⁶ Tornou-se lhe ousado o coração em seguir os caminhos do Senhor, e ainda tirou os altos e os postes-ídolos de Judá. ⁷ No terceiro ano do seu reinado, enviou ele os seus príncipes Ben-Hail, Obadias, Zacarias, Natanael e Micaías, para ensinarem nas cidades de Judá; ⁸ e, com eles, os levitas Semaías, Netanias, Zebadias, Asael, Semiramote, Jônatas, Adonias, Tobias e Tobe-Adonias; e, com estes levitas, os

sacerdotes Elisama e Jeorão. ⁹ Ensinarão em Judá, tendo consigo o Livro da Lei do Senhor; percorriam todas as cidades de Judá e ensinavam ao povo. ¹⁰ Veio o terror do Senhor sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá, de maneira que não fizeram guerra contra Josafá. ¹¹ Alguns dos filisteus traziam presentes a Josafá e prata como tributo; também os arábios lhe trouxeram gado miúdo, sete mil e setecentos carneiros e sete mil e setecentos bodes. ¹² Josafá se engrandeceu em extremo, continuamente; e edificou fortalezas e cidades-armazéns em Judá. ¹³ Empreendeu muitas obras nas cidades de Judá; e tinha, em Jerusalém, gente de guerra e homens valentes (2Cr 17.1-13).

Conforme previamente mencionado, a função do profeta consiste em desempenhar o papel de intermediário da mensagem divina junto ao público. Em diversas circunstâncias, o teor principal da mensagem divina reside na exortação ao retorno do povo aos princípios e normas previamente revelados. Nesse contexto, cabe aos profetas desempenharem um papel adicional, o de educadores, conforme sustentado por Molochenco:

A desobediência, a idolatria e o adultério fizeram com que os profetas pronunciassem fortes admoestações, e até mesmo ameaças por parte de Deus, no esforço para reconduzir o povo a uma vida devotada ao Deus único. Assim, os profetas, no papel de ensinadores daquela época, procuraram ensinar ao povo o caminho do reencontro com Deus. Como todos os aspectos da vida do de Israel eram centrados na questão religiosa, no momento em que esta última entra em colapso, o mesmo acontece ao sistema educacional (MOLOCHENCO, 2007, p. 30).

O rei Josafá promoveu a disseminação da educação de maneira a mitigar o aspecto elitista frequentemente arraigado na sociedade, que negligenciava o indivíduo comum. Sua atuação pode ser considerada inovadora, como defendido pela Dra. Sandra Gusso:

Ele, atentando para a importância do Livro da Lei de Deus, percebendo que ela transforma, criou uma escola nacional para que todos pudessem estudá-lo (Isto ocorreu séculos antes de Cristo, mas pode-se dizer que Josafá foi o primeiro Educador “Cristão”, utilizando de forma organizada a disseminação de parte dos ensinamentos bíblicos). Ele sabia por experiência própria do poder transformador desta forma de educação e, assim, procurou passar o ensino para o seu povo (GUSSO, 2021, p. 2).

Não obstante a bem-sucedida experiência durante o reinado do Rei Josafá, o período dos profetas é caracterizado por uma notável tensão entre a mensagem divina e a comunidade do povo de Deus. É notório que em muitas ocasiões, essa relação se apresentou de forma radicalmente dicotômica, como apontado por Molochenco:

O tempo dos profetas foi um período difícil na história do povo hebreu. O profeta falava em nome de Deus para instruir o povo. Suas mensagens proféticas sempre tinham um forte tom de admoestação, mas também tinham por objetivo o ensino. A figura do profeta e sua mensagem, por diversas vezes rejeitados pelo povo, nos mostram a grandeza da misericórdia e do amor de Deus para com o pecador. As narrativas da literatura profética registram as várias oportunidades que eram dadas ao pecador para que este se voltasse novamente para Deus (MOLOCHENCO, 2007, p. 30).

Como resultado da desobediência do povo, a disciplina divina foi aplicada ao povo Judeu por meio do Cativoiro Babilônico. Esse evento exerceu uma influência significativa sobre a configuração da educação, conforme será detalhado na próxima seção.

2.5.3 Período Pós-exílio

Na sequência da divisão do reino e do subsequente exílio

do Reino do Norte, a narrativa bíblica prossegue ao abordar a história a partir do Reino do Sul, que representava o povo judeu. O período de exílio foi caracterizado por significativas transformações no sistema educacional, como destacado por Luzuriaga:

A partir do Exílio, o ensinamento da Torá deixa de ser monopólio dos sacerdotes. Os levitas, afastados das funções propriamente sacerdotais, tornam-se os pregadores e os catequistas do povo; finalmente, o ensino se dará fora do culto, nas sinagogas, e a classe dos escribas e doutores da Lei, aberta aos leigos, se sobrepõe à casta sacerdotal (LUZURIAGA, 1963, p. 30).

Um dos notáveis expoentes da jurisprudência que emerge no contexto pós-exílico é Esdras, cuja incumbência primordial consistia na restauração da prática litúrgica e na promoção da compreensão acerca das Leis e preceitos de Deus, conforme a argumentação sustentada por Coleman:

Um desses grandes mestres foi Esdras, que se dispôs a ensinar a Lei em Israel. Sua figura teve forte influência sobre o povo. Como está registrado nas Escrituras: “Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10). Ele preocupou-se em ensinar as Escrituras ao povo. Quando era necessário, reunia-os para admoestá-los sobre como andavam distantes das ordenanças de Deus. Sua preocupação se voltava para a vida da nação que se afastava de Deus; por isso, ele lia e ensinava a todos e o povo, movido pela ação da Palavra de Deus, adorava o SENHOR e dizia “Amém! Amém!” (Ne 8.6). (COLEMAN, 2017, p. 135).

Uma característica notável do exílio babilônico reside na emergência de uma noção de pertencimento e na formação de um grupo resiliente. Em outras palavras, os judeus, que já não estavam organizados como uma nação estabelecida, passaram a compreender a importância da adoração a um Deus único, como

destacado por Molochenco:

A sinagoga cada vez mais se tornava o local não somente adoração, mas também para o ensino. Os historiadores bíblicos narram que Simão ben-Shetah decretou, em 75 a.C., que a escola elementar era obrigatória para os meninos e Josué ben-Gamala, um século mais tarde, ampliou e desenvolveu ainda mais esse trabalho, nomeando um professor para cada província e cidade. Há documentos que comprovam a existência de 480 4 sinagogas em Jerusalém, no terceiro século a.C.⁵ É bom lembrar que, quando o povo hebreu volta do cativo para Jerusalém, as sinagogas que haviam sido construídas permaneceram em algumas cidades, marcando assim a presença de um povo que adorava ao Deus único (MOLOCHENCO, 2007, p. 34).

É nesse período que surge a Sinagoga, uma vez que o povo por um longo tempo fora impedido de adorar no Templo, as sinagogas eram locais de estudo da Lei de Deus, seus gestores era os Fariseus, grupo religioso que buscava se especializar na Torah. Uma das figuras proeminentes neste contexto histórico das sinagogas era Gamaliel, um destacado doutor da lei, que desempenhava um papel crucial na defesa dos ideais dos fariseus, como afirmado por Coleman:

Gamaliel foi um dos mais famosos mestres do primeiro século, e muitos dos seus ensinamentos se encontram preservados até hoje no Misná. É provável que ele fosse um seguidor das ideias de Hillel. Seu aluno mais famoso foi o apóstolo Paulo (At 22.3). Com sua sabedoria e autoridade, Gamaliel convenceu o sinédrio a não matar os apóstolos (At 5.34-39). Suas teses eram pragmáticas, e largamente aceitas. Quando ele morreu, alguns disseram que a glória da lei se havia apagado (COLEMAN, 2017, p. 134).

Outra figura de relevância, que inicialmente se alinhava com a escola de Gamaliel, mas posteriormente emergiu como

uma figura proeminente no contexto do cristianismo, é Paulo de Tarso. Sua atuação desempenha um papel significativo na reintegração do conceito familiar no âmbito da Educação Religiosa, sobretudo na vertente cristã, conforme destacado por Hamman:

Paulo contava com a educação de filhos dentro dos lares. Aconselhava aos pais cristãos a educarem suas crianças de modo que internalizassem os princípios cristãos e vivessem uma vida reta no âmbito moral. A conscientização da responsabilidade dos pais sobre a educação dos filhos é o retorno à tradição judaica dentro do Cristianismo (HAMMAN, 1997, p. 53).

O apóstolo Paulo é identificado por suas contribuições na literatura bíblica, sendo um dos principais escritores do Novo Testamento, responsável por grandes tratados teológicos. No entanto, ele sempre destacou a importância do núcleo familiar na formação cristã. Isso fica claro no seu papel de tutor, e de “pai na fé” de Timóteo, visto que este era filho de mãe judia, mas de pai grego, o apóstolo assume esta função de formação, inclusive após um período de possível crise ministerial, Paulo relembra a Timóteo, conforme texto a seguir:

¹ Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus² a Timóteo, meu amado filho: Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.³ Dou graças a Deus, a quem sirvo com a consciência limpa, como o serviram os meus antepassados, ao lembrar-me constantemente de você noite e dia em minhas orações.⁴ Lembro-me das suas lágrimas e desejo muito vê-lo, para que a minha alegria seja completa.⁵ Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice, e estou convencido de que também habita em você.⁶ Por essa razão, torno a lembrar-lhe que mantenha viva a chama do dom de Deus que está em você mediante a imposição das minhas mãos.⁷ Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.⁸

Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele, mas suporte comigo os sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus (2Tm 1.1-8).

O texto em questão demonstra que apesar de todo o conteúdo teológico que Paulo certamente transmitiu à Timóteo, a sua formação moral e base de ministério estava em sua família na pessoa de sua mãe Eunice e de sua Avó Lóide. Tais passagens, juntamente com outras, evidenciam o destaque conferido por Paulo ao papel da família no contexto educacional, como afirmado por Fabris:

A proposta de Paulo para a Igreja consistia na ideia família, onde todos seriam filhos do Deus Pai. Logo, como irmãos, todos os cristãos, fossem senhores ou escravos, ricos ou pobres, deveriam tratar-se com respeito, igualdade, solidariedade e amor (FABRIS, 2001, p. 21).

Ao longo da história, a evolução do povo de Deus tem sido evidente, e é incontestável que a instituição da Família desempenhou um papel fundamental no contexto da Educação Religiosa Cristã. Desde o advento do Cristianismo, essa instituição tem atuado como um veículo essencial na disseminação do evangelho, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios e adversidades em consonância com os tempos contemporâneos, como será abordado no próximo capítulo.

3. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A Educação Religiosa Cristã vai além das igrejas, grupos religiosos e comunidades locais. Ela desempenha um papel fundamental na promoção de uma compreensão ampla e inclusiva da fé, facilitando o diálogo entre diferentes religiões e promovendo valores como tolerância e respeito. Isso contribui significativamente para construir uma sociedade harmoniosa

e diversificada. Este é um ponto ressaltado por Schneider em sua análise:

Daniel Schipani e Danilo Streck compreendem que a educação cristã, “na perspectiva do reino de Deus”, transcende o âmbito de uma comunidade eclesial. Ela não está limitada a uma ação educacional restrita a uma denominação e a uma comunidade religiosa, nem condicionada por uma visão eclesial de educação, nem por “modismo” teológico e pedagógico, tampouco por determinada análise conjuntural da realidade. A educação na perspectiva do reino de Deus, tendo o evangelho como sujeito e objeto, tem condições de mediar a análise crítica da reflexão e da prática educacional que transcende uma determinada igreja ou comunidade local (SCHNEIDER-HARPPRECHT; HOCH; VOLKMANN; KIRST; ZWETSCH; WACHS, 1998, p. 215).

A educação religiosa cristã na família contemporânea representa um desafio para muitos lares devido a fatores como falta de tempo, compromissos profissionais e a fragmentação da família. Neste contexto, serão apresentadas questões nas áreas de liderança, culto doméstico e preparação dos filhos para a defesa da fé, com o objetivo de fortalecer o processo educacional no ambiente familiar.

136

3.1 SER EXEMPLO NO LAR

O ambiente familiar e o comportamento dos pais desempenham um papel importante na promoção da compreensão individual da fé e espiritualidade dos filhos, permitindo que eles adquiram conhecimento sobre Deus, como destacado nas palavras de Tripp:

Ser um modelo para os filhos é a maneira mais segura de ensiná-los a aplicar a verdade de Deus às circunstâncias da vida. (...) Em contrapartida, ter a “forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2Tm 3.5), é a maneira mais segura

de endurecer o coração de nossos filhos em relação a Deus. Nossos lares são o laboratório de vida para os nossos filhos. Eles acreditarão que o cristianismo é genuíno se conhecemos a Deus – e não apenas sabemos fatos a respeito de Deus (TRIPP, 1998, p. 37).

O impacto do exemplo dos pais atravessa várias gerações, afetando o futuro. Os comportamentos, valores e crenças que os pais passam para seus filhos podem moldar a cultura e persistir ao longo do tempo. É essencial enfatizar essa ideia, conforme destacado por Cruz:

Os pais devem entender que o seu comportamento pode influenciar a vida das próximas gerações, e isso de maneira que nem imaginam. Para seu desenvolvimento e capacitação, uma criança necessita, principalmente, de seus pais como espelho (CRUZ, 2006, p. 26).

Contudo, é importante dizer que o exemplo mencionado não tem um impacto decisivo na expressão de respeito e honra dos filhos em relação aos seus pais. A obrigação de honrar pai e mãe não é condicional, o que significa que o comportamento inadequado dos pais não justifica a desobediência por parte dos filhos, conforme argumenta Fugate:

Os pais precisam ser respeitados pelos seus filhos devido a sua posição. Muitos pais talvez não considerem a si mesmos dignos de honra, mas, ainda assim, ocupam a posição dada por Deus de governante sobre seus filhos. Eles podem se sentir incultos ou fracassados em qualquer área de sua vida, mas como pais, devem ser respeitados (FUGATE, 2014, p. 75).

Além de manter uma conduta exemplar, os pais devem adotar uma abordagem intencional na educação de seus filhos, buscando garantir que dentro de sua influência, os filhos não apenas observem as atitudes positivas dos pais, mas também as incorporem como modelo, conforme abordado por Fugate:

Os pais que esperam que seus filhos sigam

seus padrões pelo exemplo que dão, mas não os educam, muitas vezes ficarão surpresos ao ver que seus filhos adquirem apenas seus defeitos e rejeitam a maior parte do que é bom em sua vida. Pais cristãos podem enganar-se ao pensarem que por exporem seu filho a uma igreja ou a uma escola cristã não haverá necessidade de uma educação pessoal. Embora uma igreja que ensine a Bíblia e uma boa escola cristã possam ajudar os pais, elas não os substituem para educarem seus próprios filhos. É necessário que os pais eduquem seus filhos em obediência e respeito pela autoridade antes que a igreja ou a escola possam ser realmente efetivas (FUGATE, 2014, p. 104).

Entretanto, a família não se limita a simplesmente fornecer exemplo; é imperativo que ela assuma um papel ativo na promoção do evangelho. Nesse contexto, a prática do culto doméstico se destaca como uma responsabilidade a ser cumprida pelas famílias que desejam preparar seus filhos para enfrentar os desafios da sociedade atual. Será detalhado esse aspecto na seção seguinte deste trabalho.

138

3.2 A PRÁTICA DO DISCIPULADO FAMILIAR

A principal responsabilidade dos pais é ensinar aos filhos os princípios da Bíblia. Nenhuma outra atividade, por mais valiosa que seja, pode substituir esse compromisso espiritual, que impacta o crescimento e as crenças de sua descendência. Este fato se evidencia mediante as considerações expostas por Priolo:

Ensinar a Bíblia aos Filhos não é algo opcional. Você recebeu a responsabilidade de ensinar as Escrituras aos seus Filhos. A questão não é se você irá ou não ensinar a Palavra de Deus aos seus filhos, mas se você obedecerá ou não a sua Palavra. Independentemente do que você crê ser seu papel como pai, nada que faça para, por e com o seu filho é mais importante que isso (PRIOLO, 2008, p. 36).

Com frequência, observa-se a substituição do culto bíblico doméstico por outras atividades na agenda, o que pode ser interpretado como um equívoco. Tal situação compromete a apreensão da relevância desta prática espiritual na construção dos valores familiares e na expressão da fé, sendo que, segundo Fontes, não existem justificativas que respaldem essa substituição:

Não há justificativas plausíveis para a nossa negligência em relação ao culto familiar. Ao invés de tentar justificar o injustificável, o melhor a fazer é assumir que essa negligência se explica pelo que está pressuposto no título do livro de Jerry Marcelino, mencionado anteriormente: perdemos um tesouro. Negligenciamos o culto familiar porque perdemos de vista o seu valor e importância; substituímo-lo, em nossa lista de prioridades, por outras atividades que consideramos mais importantes; e sofremos da indisposição de promovermos o rearranjo de nossa vida cotidiana, para incluí-lo de volta em nossas agendas (FONTES, 2018, p. 59).

Com frequência, oportunidades relevantes no dia a dia não são plenamente aproveitadas na transmissão de conhecimento aos filhos. A educação vai além dos ambientes formais, quando se diz “Culto Doméstico” a ideia não é determinar uma liturgia doméstica, um momento específico com hora pra começar e acabar, mas um disciplinado de fato. Discipular é muito mais do que um momento, é um estilo de vida e pode ocorrer de maneira informal e natural, integrando-se às dinâmicas familiares. Tripp ressalta a possibilidade de o ensino religioso no âmbito doméstico se concretizar em variados ambientes:

A vida cotidiana propicia dezenas de oportunidades de relacionar as Escrituras à vida – desde a perda de uma mochila escolar até o rompimento de amizades e notas baixas nas provas. Inúmeras oportunidades de treinamento evaporam sem que as percebamos, enquanto estamos no corre-corre diário (...) (TRIPP, 1998, p. 37).

Existem alternativas para a Educação Religiosa, sendo as instituições eclesiais notáveis por sua eficácia. Contudo, é fundamental enfatizar que, embora desempenhem um papel crucial, esses locais não isentam a família de sua principal responsabilidade na Educação Religiosa Cristã, como afirma Montanha:

A Escola Bíblica Dominical, a Escola Bíblica de Férias, os acampamentos cristãos e os cultos para crianças na igreja não retiram da família a responsabilidade do ensino das Sagradas Escrituras. É importante os pais levarem seus filhos à igreja. Porém, mais importante é levá-los primeiramente a Cristo (MONTANHA, 2018, p. 25).

A vida moderna oferece diversas atividades sociais e novas rotinas para as famílias, o que tem impactado seus membros, incluindo os jovens, que têm agendas ocupadas com tarefas que dificultam a criação de momentos de discipulado em família. No que se refere à necessidade de sacrifício Jacobsen argumenta:

Os pais que verdadeiramente amam seu filho estão dispostos a sacrificar seus desejos para criar uma harmoniosa atmosfera familiar à qual o pequenino possa sentir que pertence, e na qual é aceito tal qual é, e querido por si mesmo. A criança que conhece esse tipo de amor pode ajustar-se a quase tudo; tem uma segurança básica que ajuda a protegê-la do temor. Sem esse amor altruísta, embora façam “tudo o que o livro manda”, os pais jamais conseguirão ser bem-sucedidos (JACOBSEN, 1985, p. 10).

Na discussão sobre a temporalidade, é fundamental destacar que o tempo dedicado à convivência familiar e ao auxílio ao próximo deve refletir a conexão com Deus, conforme apontado por Bonhoeffer. Nesse contexto, é relevante focar na qualidade do tempo investido, em vez de sua quantidade:

Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso. Quer

se trate de um encontro breve ou de uma comunhão diária durante anos, a comunhão cristã é somente isso. Pertencemos uns aos outros tão somente mediante e em Jesus Cristo (BONHOEFFER, 1986, p. 10).

Na sociedade contemporânea, orientada predominantemente para o consumo, é perceptível que diversas famílias enfrentam a tentação de considerar que os recursos materiais e o aparato físico podem eventualmente suprir a lacuna criada em relação aos momentos de estudo da Bíblia em âmbito familiar. Consequentemente, dedicar parte do tempo à prática da Educação Bíblica Familiar por meio do Discipulado, se configura como uma manifestação de amor em relação à unidade do lar, conforme destacado por Fugate:

A educação correta da criança é a expressão máxima do verdadeiro amor que os pais podem oferecer a seu filho ou filha. Nenhuma quantidade de bens materiais que os pais venham a oferecer a seus filhos conseguiria tomar o lugar do verdadeiro cuidado demonstrado ao educá-lo. Se você realmente ama seu filho, eduque-o; ambos receberão as bênçãos prometidas por Deus (FUGATE, 2014, p. 92).

A educação dos filhos, mesmo após a infância, continua sendo de considerável importância. De acordo com preceitos religiosos, os pais têm a responsabilidade destacada e uma capacitação divina para cumprir essa tarefa constante, que envolve orientação, transmissão de valores e estabelecimento de um modelo a ser seguido. Isso contribui para fortalecer os laços familiares e construir uma base sólida para o desenvolvimento dos filhos, conforme sustentado pela argumentação de Fugate:

Deus nos apresentou sua verdade a fim de capacitar os pais para receberem bênção em vez da maldição. É responsabilidade de cada pai e mãe buscar essa verdade e então aplicá-la na educação de seus filhos. Mesmo que até agora você tenha desgraçadamente fracassado, ain-

da poderá influenciar o futuro de seu filho ao se comprometer em seguir o caminho de Deus. Normalmente, leva-se dezenove anos para criar um filho tolo ou sábio. Todavia, é possível (pela graça de Deus) reverter doze ou treze anos de tolice e colocar um filho no caminho certo durante os seis ou sete anos restantes. A execução dessa proeza exigirá uma compreensão do ponto de vista de Deus para a educação dos filhos e um comprometimento com essa visão (FUGATE, 2014, p. 92).

O discipulado familiar é uma importante ferramenta para a comunhão familiar, dedicando tempo de qualidade e promovendo o estudo sistemático da Palavra de Deus na esfera familiar. Todos esses componentes desempenham um papel crucial na preparação dos filhos para interagir com o ambiente secular, capacitando-os a exercer influência em vez de serem meramente influenciados, como será discutido na próxima seção.

3.3 PREPARAR O FILHO PARA A DEFESA DA FÉ

Josué encerrou de forma marcante sua liderança diante da comunidade de fé, após ter acompanhado suas jornadas desde os tempos iniciais junto a Moisés no Monte Sinai. Sua presença testemunhou a infidelidade do povo de Israel ao longo dos anos, além de sua bem-sucedida participação como um dos doze espíões. Além disso, Josué liderou eventos notáveis, como a queda das muralhas de Jericó ao som das trombetas e o fenômeno da suspensão do movimento da terra durante uma batalha. Neste ponto crucial, Josué encerrou sua carreira de maneira decisiva, como documentado no livro de Josué, em resposta a um chamado explícito:

Agora, (...), temei ao SENHOR e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais além do Eufrates e no Egito, e servi ao SENHOR. Porém, se vos parece mal servir ao SENHOR, escolhei, hoje,

a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR (Js 24.14-15).

A negligência do culto doméstico, conforme abordado na seção anterior, pode ser atribuída ao fato de que muitos indivíduos permitem que valores seculares influenciem suas decisões relacionadas à sua vida espiritual, conforme Fontes afirma:

[...]a negligência contemporânea em relação ao culto familiar deve-se, pelo menos, a dois fatores: em termos fundamentais, à influência do secularismo, com suas propostas de abandono de Deus e de redução do impacto da religião à subjetividade individual, sobre a mentalidade evangélica contemporânea; e, em termos práticos, à transferência da responsabilidade educacional, por parte da família, para a igreja e a escola. Se estivermos corretos quanto a essas causas, a redescoberta do valor e da importância do culto familiar passa, além do resgate do entendimento de sua natureza normativa e benefícios práticos, pelo resgate do valor e da importância da comunhão com Deus, da natureza objetiva, externa e familiar da experiência religiosa, e da responsabilidade fundamental da família na educação de filhos (FONTES, 2018, p. 60).

Quando a educação dos filhos é confiada a várias fontes, isso os expõe a diferentes correntes de pensamento. Essa exposição pode afetar a maneira como eles desenvolvem seus valores, crenças e perspectivas. Portanto, é importante destacar a importância do papel dos pais na orientação e avaliação crítica das influências educacionais, como argumentado por Fugate:

Os pais que falharam em ensinar seus filhos devidamente, muitas vezes encontram um bode expiatório sobre o qual depositar a culpa de tê-los influenciado negativamente. Professores, outras crianças, TV, e até mesmo a igreja levam a culpa. Todavia, Deus cobra apenas dos pais a

educação de seus filhos. Portanto, é responsabilidade deles controlar o que tem influência sobre seus filhos. Podem ser ensinadas coisas na escola para as crianças que se opõem ao ensino de seus pais, porém é responsabilidade dos pais determinar qual escola as crianças frequentarão, e o que lhes será ensinado. As crianças podem ser influenciadas pelo seu grupo de amigos, mas é responsabilidade dos pais controlar com quem eles se associam. As crianças definitivamente são influenciadas pelo que assistem na televisão e outros meios, contudo, ainda assim os pais são quem, no final das contas, escolhem ao que seus filhos serão expostos. As crianças podem ignorar o que é ensinado na igreja, entretanto, são os pais que responderão a Deus pela instrução de seus filhos na Palavra (FUGATE, 2014, p. 104).

A avaliação das mudanças nos valores, especialmente em ambientes escolares ao longo dos últimos anos, é de grande importância. Durante esse período, observa-se o surgimento de diversas correntes ideológicas que muitas vezes confrontam os princípios e diretrizes da Bíblia. Isso requer uma análise crítica e uma reflexão contínua sobre as consequências dessas mudanças na sociedade, especialmente no que diz respeito à educação das novas gerações, como destacado por Incontri e Bigueto:

Uma leitura atenta do século 19 nos permite hoje perceber, com o devido recuo histórico, que houve uma militância atea e materialista que acabou por desqualificar a religião, e com ela qualquer filosofia que aceitasse a transcendência, como fonte aceitável de vivência, valores e conhecimentos, para instituir um dogmatismo cientificista, que nada tinha de científico, mas era antes ideológico. (...) a escola laica, longe de ser um espaço de pluralismo e de discussão livre de ideias, tornou-se, além de seus atrelamentos políticos e econômicos, o instrumento ideológico da ciência social, portanto, materialista (INCONTRI; BIGUETO, 2017, Não Paginado).

Nesse contexto, é importante enfatizar a influência do ambiente externo nas decisões tomadas pelos membros familiares, especialmente os filhos. Analisar cuidadosamente esse impacto é uma responsabilidade fundamental de uma família que valoriza a educação baseada em princípios bíblicos e busca o desenvolvimento interno, conforme argumentado por Bronfenbrenner:

O mundo exterior tem um impacto considerável desde o momento em que a criança começa a relacionar-se com as pessoas, grupos e instituições, cada uma das quais lhe impõe suas perspectivas, contribuindo, assim, para a formação de seus valores, de suas habilidades e de seus hábitos de conduta (BRONFENBRENNER apud BENTHO, 2006, p. 26).

A questão central reside na ausência de um adequado envolvimento da família na construção da educação religiosa cristã. Nesse contexto, instituições seculares tendem a preencher o vácuo deixado pela família, exercendo influência direta sobre a dinâmica familiar, conforme enfatizado por Tripp:

A vida é uma sala de aula. Isso é verdade. Ensino e aprendizagem estão em processamento vinte e quatro horas por dia. Aqui é onde mora o perigo. Na ausência da instrução formativa, os instrutores da formação secular assumem o controle. Nossos corações são facilmente cativados pelas filosofias enganadoras e vazias de uma cultura ímpia (Cl 2.8). A maioria das culturas interpreta a vida com olhos não regenerados e promovem suas conclusões através de vários meios, que vão desde a propaganda até a educação (TRIPP, 1998, p. 19).

Os novos padrões familiares influenciados por fatores externos têm gradualmente e de maneira sutil modificado a concepção da instituição familiar, afetando os valores bíblicos atribuídos a esta, conforme destacado por Sarti:

Falar em família neste começo do século XXI, no Brasil, com alhures, implica a referência a mu-

danças e a padrões difusos de relacionamentos. Com seus laços esgarçados, torna-se cada vez mais difícil definir os contornos que a delimitam. Vivemos uma época como nenhuma outra, em que a mais naturalizada de todas as esferas sociais, a família, além de sofrer importantes abalos internos tem sido alvo de marcantes interferências externas (SARTI, 2007, p. 21).

Certamente, a instituição que tem sido amplamente objeto de críticas e análises é a instituição do “casamento”. Atualmente, diversos modelos de união civil, a presença de lares disfuncionais e a consideração do divórcio como uma alternativa viável têm desempenhado um papel significativo no que se refere ao questionamento e enfraquecimento da Educação Bíblica Cristã, conforme sustentado por Flávia Silva:

Com um considerável declínio da instituição do casamento e uma crescente banalização do divórcio, resultando no aumento da união consensual e de famílias chefiadas por um só cônjuge, com maior reincidência sobre as mulheres, a hegemonia da família nuclear está sendo questionada. Independentemente do gênero, essa nova ordem familiar envolve seus membros, levando-os a desempenhar funções de acordo com as necessidades atuais e não mais segundo as práticas tradicionais de uma família nuclear (SILVA, 2010, p. 2).

No entanto, de maneira geral, apesar das transformações ocorridas nos últimos anos, persiste predominantemente o modelo tradicional de família, apesar das diversas críticas e desafios, como ressaltado por Dias:

[...] apesar da diversidade de modelos de vida familiar nas sociedades pós-industriais, a família nuclear continua a ser prevacente nos discursos e políticas sociais. A imagem dominante a ela associada é a de um grupo coeso, formado por um casal heterossexual e filhos. Esta representação é investida de pressupostos morais e ideológicos que transformam a família no redu-

to de todas as ambiguidades: espaço de segurança, solidariedade e intimidade, ela é também lugar de violência e de desigualdades entre os seus membros (DIAS, 2010, p. 247).

A Escola Bíblica desempenha um papel de significativa relevância na promoção e sustentação da Educação Religiosa Cristã Familiar. Em virtude dos desafios contemporâneos que têm impactado sobremaneira essa modalidade de ensino, a referida instituição assume um papel crucial na disseminação dos preceitos e princípios bíblicos, contribuindo assim para o fortalecimento da formação espiritual e ética no âmbito das famílias, conforme salientado por Portela:

(...) a Escola Cristã deve ser considerada uma extensão do lar cristão. Ela deve estar sempre consciente de que a justificativa para a sua existência é o mandato concedido pelos pais. Os pais e a escola, juntos, trabalham com um só propósito, que é o de conceder à criança a possibilidade de atingir a maturidade cultural e espiritual. Isto capacitará as pessoas a entrarem numa vida de adoração e serviço ao Deus soberano, com humildade e fé, destacando-se como bons especialistas e cidadãos nas atividades para as quais demonstraram talentos naturais e nas quais receberam o melhor treinamento (PORTELA NETO, 1988, p. 26).

A informação era escassa há cinquenta anos, e em muitos casos, o professor representava a principal fonte de conhecimento para os alunos. Contudo, na atualidade, o desafio apresenta uma dinâmica distinta, dado que a informação se tornou abundante. No entanto, é importante destacar que, juntamente com o acesso a uma vasta quantidade de informações de qualidade, também se verifica a disseminação da desinformação. Nesse contexto, a Escola Bíblica ganha ainda mais relevância, uma vez que desempenha um papel crucial como catalisadora e processadora de informações de alta qualidade, como salientado pela Dra. Sandra Gusso:

Diante das muitas facilidades para obter informações, atualmente, é preciso entender que não é a mesma coisa que obter conhecimento, o qual é mais elaborado e leva a mudança de atitude, seja ela intelectual ou física. Há vários tipos de conhecimentos, dentre eles o secular ou o religioso, podem ser encontrados em vários lugares e em diferentes modalidades. Mas, existem espaços que são específicos e destinados para trabalhar com diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo: instituições de ensino, Igrejas locais, espaços culturais e outros educativos de formação humana (GUSSO, 2021, p. 6).

Diante disso, torna-se fundamental que a Igreja invista de maneira significativa neste ministério, sem que isso implique em desconsiderar o papel desempenhado pela família no processo formativo. É importante destacar que o Ministério de Educação Religiosa desempenha um papel crucial na formação dos pais e mães, que, por sua vez, atuam como preceptores de suas famílias. Nesse contexto, Dornas enfatiza a relevância deste investimento:

A igreja por meio do Ministério de Educação Religiosa Cristã, para atingir seus objetivos, deverá elaborar suas propostas educativas a partir de “uma visão integral do ser humano, em que se torna imperativo não se separar a educação da vida, a emoção do intelecto, o sagrado do secular (DORNAS apud GUSSO, 2021, p. 2).

Uma estratégia relevante e perspicaz para contrapor o avanço do secularismo nas residências consiste na consolidação do papel da igreja no âmbito familiar. É por meio dessa integração entre a instituição religiosa e a unidade doméstica que se provê alicerces sólidos para a enfrentamento dessa realidade, conforme salientado por Kostenberger:

Quanto a manter as famílias juntas na igreja, não parece haver motivo para que as famílias não realizem o culto familiar em casa, mas, ao mesmo tempo, também participem do culto na

igreja com outros cristãos, inclusive em grupos da mesma faixa etária ou por afinidade. Em parte alguma as Escrituras ensinam que as famílias devem permanecer juntas o tempo todo quando a igreja se reúne. Assim como o pai pode liderar a família no culto e na leitura bíblica em casa, o pastor da igreja local pode liderar a congregação inteira, constituída de pessoas de vários contextos familiares e sociais, na adoração conjunta. Pode-se dizer o mesmo a respeito de outros grupos - como a escola dominical, o culto das crianças ou o grupo de jovens que a igreja possa resolver instituir a fim de cumprir a ordem bíblica de instruir e edificar os crentes (KOSTENBERGER, 2015, p. 295).

A igreja desempenha, adicionalmente, a função de empregar metodologias específicas adequadas a cada faixa etária. A integração da família assume importância fundamental, especialmente quando esta, se associa a uma comunidade de fé. A criação de espaços distintos, dotados de abordagens pedagógicas e linguagens apropriadas, pode igualmente contribuir significativamente para o bem-estar e crescimento saudável da família, conforme defendido por Kostenberger:

A igreja precisa de um modelo que fortaleça e apoie casamentos e famílias e que o faça com base numa visão bíblica e sadia da natureza da igreja. A liderança do homem no casamento e no lar, a necessidade de a mulher ser submissa ao marido e de os filhos obedecerem aos pais faz parte desse conceito. A importância de um ministério que atenda a diferentes gerações, promova sua inter-relação e não segmente a igreja desnecessariamente em unidades disjuntivas e isoladas, mas que desenvolva grupos por afinidade natural, inclusive de laços de sangue, é igualmente crucial. Ao mesmo tempo, a liderança da igreja local tem direito e autoridade para criar maneiras de discipular seus membros, inclusive os jovens, e tais maneiras podem legitimamente envolver reuni-los e instruí-los no contexto de grupos por afinidade. O uso de uma

estrutura composta de grupos por afinidade não significa, necessariamente, a subversão da estrutura familiar natural; antes, pode ser proveitosa para complementar e suplementar essa estrutura (KOSTENBERGER, 2015, p. 294).

A retomada da relevância da Escola Bíblica no contexto da Educação Religiosa Cristã no ambiente familiar se faz imperativa. É notável, de maneira preocupante, a influência do secularismo na diminuição da centralidade da Ensino Bíblico, inicialmente parecendo afetar exclusivamente a esfera eclesial, porém, em última análise, comprometendo a qualidade da instrução bíblica no contexto familiar. Tal constatação encontra respaldo nas afirmações de Azevedo:

Os pais precisam compreender que é através do seu exemplo e do estímulo a seu que os filhos assimilarão a importância da igreja em suas vidas. Aqui entram em destaque o culto doméstico, a disciplina e a responsabilidade para com o trabalho na casa de Deus, a oração em família e os diálogos entre pais e filhos acerca de Deus e do Evangelho (AZEVEDO apud DORNAS, 2023, p. 89).

A defesa da fé frente ao secularismo não se restringe a contextos formais de instrução, devendo, em vez disso, ser estendida a uma variedade de esferas da sociedade. Isso implica na ênfase da importância da difusão e aplicação dos princípios religiosos na rotina cotidiana, conforme sublinhado por Kuyper:

Onde quer que o homem esteja, seja o que for que faça, ou no que aplique a sua mão, na agricultura, no comércio, na indústria, ou sua mente, no mundo da arte, e ciência, ele está, seja onde for, constantemente diante da face de Deus, está empregado no serviço de Deus, deve obedecer estritamente a seu Deus e acima de tudo deve ter como alvo a glória de Deus (KUYPER, 2019, p. 12).

Os desafios enfrentados pela família contemporânea na busca pela implementação de uma Educação Familiar de alta

qualidade são numerosos. Nesse contexto, deve-se adotar uma abordagem intencional e perseverante a fim de assegurar a concretização do preceito mencionado em Deuteronômio 6.7, que exorta a instruir as gerações futuras com constância. É observável que, reconhecendo a complexidade desses obstáculos, há providências divinas que visam prover métodos e estratégias, facilitando assim o êxito daquelas famílias que têm como meta o cultivo do conhecimento de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, ficou evidente que a Educação Religiosa Cristã realmente exerce um forte impacto na formação das pessoas e, conseqüentemente, na sociedade como um todo. Ao longo de toda a história do Povo de Israel e, posteriormente, no Povo Judeu, é notável o papel protagonista da Educação, seja devido à sua importância e atenção dedicada a ela, seja como resultado da negligência que lhe é dispensada. No entanto, fica claro que sempre foi uma ordem divina expressa que os pais sejam os principais responsáveis pela educação de seus filhos em casa.

Os pais têm a missão de serem os líderes espirituais de sua casa, como reafirmado em Deuteronômio 6. No entanto, há também um alerta: essa missão deve ser permeada de leveza. Isso nos remete à etimologia da palavra “saber”, que vem do Latim “sapere” e pode ser traduzida como “sabor” ou “paladar”. Em outras palavras, quando Moisés instrui que a educação deve ocorrer “no caminho, ou quando se caminha ou se senta”, ele nos lembra que o processo de educação deve ser agradável e fácil. Isso de forma alguma enfraquece o seu papel; pelo contrário, é exatamente esse cuidado na hora de educar que torna o processo inesquecível.

Através da Educação Religiosa, ocorre o fortalecimento de valores espirituais relevantes, a dissolução de equívocos e a concessão de conforto ao coração atemorizado. Tal fenômeno decor-

re da crença na ação incessante de Deus na história. Em síntese, a totalidade da escritura discorre acerca de um Deus que busca uma conexão com Seus filhos. Com esse propósito, Ele se revela e inspira indivíduos a aprofundar a compreensão de Sua palavra.

Apesar de todos os desafios que a Família e, em seguida, a Igreja enfrentam na missão de educar as pessoas na fé cristã, fica evidente que Deus está no controle da história. As dificuldades atuais na Educação Religiosa Cristã não são diferentes daquelas enfrentadas pelos apóstolos, pelos pais da igreja, pelos reformadores e outros líderes do passado. O que permanece constante em qualquer situação é a presença de um Deus que sustenta a Sua obra de revelar Sua palavra.

De uma forma incrível e sobrenatural, o próprio Deus, que é totalmente Santo e perfeito, permite que pessoas pecadoras possam falar em Seu nome e espalhar Sua mensagem. A base de uma família espiritualmente saudável reside na Educação Religiosa. O pai desempenha um papel central, sendo o sacerdote e o primeiro professor de seus filhos, seguindo a educação proposta por Deus. Da mesma forma, a mãe, piedosa e cheia do Espírito Santo, desempenha um papel crucial na formação de futuros “Timóteos”.

A família deve assumir o seu papel fundamental na educação, e principalmente no que diz respeito a educação bíblica. Os pais não ajudam a igreja, mas sim o contrário, e apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, principalmente voltados para a educação, é o exemplo, atuação e ensino no ambiente familiar que garante que a educação bíblica alcance o seu objetivo que é ser relevante na sociedade, e influenciar ao invés de ser influenciada. Quem ensina um filho é o Pai e a Mãe e isso não muda, são eles os primeiros professores de uma criança. Quando um homem ou mulher assumem o compromisso de se tornarem pais, eles devem entender que esse passa a ser o seu principal ministério. Ninguém é um grande líder ou servo de Deus, se está falhando com sua família.

REFERÊNCIAS

BENTHO, Esdras Costa. **A família no Antigo Testamento: história e sociologia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

BÍBLIA SAGRADA, Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional. Santo André: Geográfica, 2017.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão.** 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BRANDÃO, Sergio Vieira. **Professor, carta para você.** São Paulo: Paulinas, 2010.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

COLEMAN, Willian L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos.** Tradução de Myrian Talitha Lins. 2.ed. Curitiba: Betania, 2017.

COTRIM, Gilberto Vieira. **Fundamentos da educação: história e filosofia da educação.** 11.ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

CRUZ, Elaine. **Amor e disciplina para criar filhos felizes.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzche educador.** São Paulo: Scipione, 1991.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Educação Religiosa.** Curitiba: FABAPAR, 2020.

DORNAS, Lécio. **Socorro, sou professor da escola bíblica.** 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2023.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo: Apóstolo dos gentios.** Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001.

FONTES, Filipe. **Educação em Casa, na Igreja, na Escola: Uma perspectiva Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

FUGATE, J. Richard. **O que a Bíblia diz sobre Educação de Filhos.** Boituva: LMS, 2014.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. **Escola Bíblica: um Lugar Ideal para se Frequentar Regularmente.** Disponível em: <http://www.ftbp.com.br/publicacoes/e-book>. Acesso em: 29 de out. de 2023.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. **Pilares sólidos para uma Educação Cristã Contextualizada.** [S. l: s.n.], [2023?].

HAMMAN, Adalbert Gautier. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos.** São Paulo: Paulus, 1997.

INCONTRI, Dora; BIGUETO, Alessandro Cesar. **Ensino confessional, laico ou inter-religioso.** Disponível em: http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/hai/ensino_confessional.pdf. Acesso em: 28 de out. 2023.

JACOBSEN, Margaret Bailey. **A Criança no Lar Cristão.** São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

JOSEFO, Flávio. **A História dos Hebreus.** Tradução de Sérgio Kot. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KOCHMANN, Sandra. **O Lugar da Mulher no Judaísmo.** Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_kochmann.htm. Acesso em: 28 de out. 2023.

KOSTENBERGER, Andreas J.; JONES, David W. **Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo.** 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LAZIER, Josué Adam. **A Bíblia e o ensino: por uma educação integral.** Disponível em https://www.researchgate.net/publication/276400488_A_Biblia_e_o_Ensino_Por_Uma_Educacao_Integral/fulltext/55d9035608aed6a199a894ab/A-Biblia-e-o-Ensino-Por-Uma-Educacao-Integral.pdf. Acesso em: 28 de out. de 2023.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia.** Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 18.ed. São Paulo: Nacional, 1990.

MAXWELL, John C. **As 21 indispensáveis qualidades de um líder.** São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de Teologia Básica: Educação Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

MONTANHA, Joel. **A responsabilidade dos pais na formação espiritual dos filhos.** Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: IEPG, Escola Superior de Teologia, 2006.

PADILA, René. **A relação homem-mulher na Bíblia.** In: MALDONADO, Jorge (Org.) **Casamento e família: uma abordagem bíblica e teológica.** Tradução de Carlos Tadeu Grybowski, 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2003.

PORTELA NETO, Francisco Solano. **Educação cristã.** São Paulo: Fiel, 1988.

PRIOLO, Lou. **O caminho para o filho andar: como usar as Escrituras no treinamento dos filhos.** São Paulo: Nutra, 2008.

RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã.** 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica.** 2021 Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra>.

com/os-quatro-pilares-de-uma-educacao-para-o-seculo-xxi-e-suas-implicacoes-na-pratica-pedagogica/. Acessado em 27 de out. 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. **Família e individualidade**: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos; VOLKMANN, Martin; KIRST, Nelson; ROSE, Michael; ZWETSCH, Roberto E.; WACHS, Manfredo. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2.ed. São Paulo: ASTE, 1998.

SILVA, Antonio Gilberto da. **Manual da Escola Dominical**: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical. 17.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

156

SILVA, Flávia Mendes. **Antigos e novos arranjos familiares**: um estudo das famílias atendidas pelo serviço social. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22829987-Antigos-e-novos-arranjos-familiares-um-estudo-das-familias-atendidas-pelo-servico-social.html>. Acesso em: 29 out. 2023.

TRIPP, Tedd. **Pastoreando o coração da criança**. São José dos Campos: Fiel, 1998.

TULER, Marcos Antônio. **Ensino participativo na Escola Dominical**: uma nova perspectiva para a docência cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.